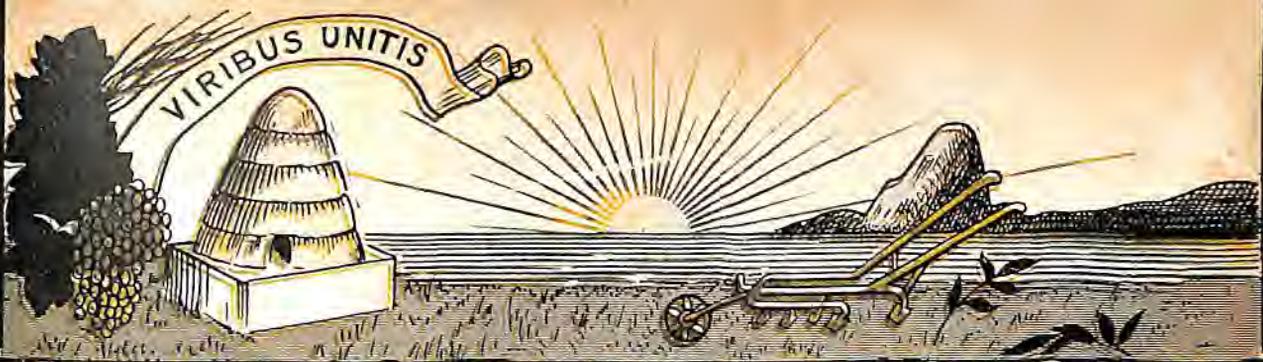


VIRIBUS UNITIS



# ALAVOURA

## SUMMARIO:

- As restricções Commerciaes e a Politica Economica Brasileira ..... Arthur Torres Filho
- Industria de lacticinios ..... Julio Cesar Lutterbach
- Matte Brasileiro e o accordo a ser assignado entre o Brasil e a Argentina.
- Problema da Saccaria na Sociedade Nacional de Agricultura ..... José Maria Fernandes
- nosso algodão.
- Considerações Economicas sobre a exploração da Castanha do Pará ..... Frederico Murtinho Braga
- A Padronização Agricola e o Expurgo ..... A. F. Magarino Torres
- Cacau Brasileiro é o melhor do mundo.
- Cooperativismo no mundo, no Brasil e em São Paulo ..... Dr. Luiz Amaral
- As Semanaes da Sociedade Nacional de Agricultura.

# Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

**Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida**

Presidente honorario

**Dr. Geminiano Lyra Castro**

## DIRECTORIA GERAL

- Presidente — Ildefonso Simões Lopes  
1.º Vice-Presidente -- Arthur Torres Filho  
2.º Vice-Presidente — (Vago)  
3.º Vice-Presidente — Cacildo Krebs Filho  
1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara  
2.º Secretario — Ottoni Soares de Freitas  
3.º Secretario — Luiz Simões Lopes  
4.º Secretario — Alpheu Domingues  
1.º Thesoureiro — (Vago)  
2.º Thesoureiro — José Sampaio Fernandes

## DIRECTORIA TECHNICA

- Alcides de Oliveira Franco  
Altino Sodré  
Augusto Ramos  
Carlos de Souza Duarte  
Francisco de Assis Iglesias  
Joaquim Luis Osorio  
José Gomes de Faria  
Moacyr Alves de Souza  
Otto Pecego

## CONSELHO SUPERIOR

- Affonso Vizeu  
Aleixo de Vasconcellos  
Alvaro Simões Lopes  
Amancio Marsilac Molla  
Americo Braga  
Antonio Barreto  
Antonio Cavalcanli de Albuquerque  
Antonio F. Magarinos Torres  
Arsene Pultemans  
Arthur Cardoso Ayres de Hollanda  
Benedicto Raymundo da Silva  
Carlos Alberto Gonçalves  
Edmundo Berchon des Essart  
Eugenio dos Santos Rangel  
Eusebio de Oliveira  
Fidelis Reis  
Francisco Leite Alves Costa  
Gustavo da Silva D'Utra  
Heitor Vinicio da Silva Grillo  
Henrique Silva  
J. C. Bello Lisbôa  
Jayme Fernandes Cotrim

- João Baptista de Castro  
João Gonçalves Pereira Lima  
Joaquim Bertino de M. Carvalho  
Joaquim Francisco de Assis Brasil  
José Maria Fernandes  
José Monteiro Ribeiro Junqueira  
Julio Cesar Lutterbach  
Julio Eduardo da Silva Araujo  
Luiz de Faria  
Marcus Migliewich  
Mario Saraiva  
Mario Telles da Silva  
Oswaldo Freire Braga de Sequeira  
Paulo Berredo Carneiro  
Paulo Campos Porto  
Paulo Parreiras Horta  
Raul Pires Xavier  
Sylvio Ferreira Rangel  
Sylvio Torres  
Victor Leivas  
Virginio Werneck Campello

# A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA  
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura . . . . Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director: Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA — Gerente: ROBERTO DIAS FERREIRA

Redactor Secretario: L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrazado 3\$000

ANNO XXXVIII

RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO DE 1934

## *As restricções Commerciaes e a Politica Economica Brasileira*

ARTHUR TORRES FILHO

A Conferencia Economica Internacional de 1927 já havia proclamado a necessidade de serem abolidas as restricções commerciaes que fazem prever o verdadeiro bloqueio economico em que se encontram os povos.

“E’ chegado o instante — foi um dos votos unanimes da Conferencia: DE SE PÔR FIM AO AUGMENTO DAS TARIFAS ADUANEIRAS”.

Com esse objectivo traçou tres directrizes fundamentaes: a) — a acção de cada paiz na redução das proprias tarifas; b) — a acção bi-lateral sob a forma de tratados de commercio; c) — a acção collectiva sob a forma de accordos plurilateraes. Por essa occasião, foi suggerida ainda a celebração de uma tregua aduaneira de tres annos, durante a qual seriam melhor estudadas outras medidas capazes de evitar o agravamento da crise mundial em inicio.

Será importante observar que o periodo 1927-1929 é considerado como um dos mais notaveis da economia mundial, porque no decurso do mesmo “vinte e nove paizes da Europa receberam mercadorias num total de vinte e um bilhões de dollares, ao passo que, no presente momento, esses mesmos paizes adquirem no exterior apenas nove bilhões de dollares”.

Ainda, na opinião de notavel economista “a phase de 1927-1929 foi a da renascença industrial, de pronunciada expansão commercial e de bem estar geral para a maior parte da Europa, sem que, entretanto, suas populações tivessem conhecido o luxo da vida americana de 1928 a 1929”.

O primeiro grande abalo soffrido pelas finanças proveio da fallencia do “Credit Anstalt”, o qual levou todas as nações da Europa, tomadas de verdadeiro panico, a exigirem dos paizes devedores o pagamento de seus emprestimos. Foi a partir desse momento, que varias nações europeas tomaram medidas para impedir a sahida do ouro, surgindo, por toda a parte, limitações ás importações, na ancia de alcançar cada qual mais forte balança no commercio exterior.

O declinio do commercio exterior torna-se facil de apreciação, se tomarmos como indice 100 o anno de 1929, notando-se que o mesmo declinou de 67 em 1930, 61 em 1931 e 42 em 1932!

Com as muralhas levantadas entre os paizes pelas restricções, chegou-se, rapidamente, nos dias actuaes, ao maior bloqueio commercial da historia, com os seguintes resultados: a) — redução de cerca de 50 % nas importações com a adopção do regimen de quotas e outras subtilidades dos tratados commerciaes; b) — controle das operações de cambio; c) — abandono do padrão ouro pela maioria dos paizes. Medidas multiplas, até aqui adoptadas, só têm servido para agravar cada vez mais o commercio internacional. E, desse modo, foi que chegamos a assistir, nos dias que correm, ao commercio de permutas de mercadorias.

Dos paizes industriaes, a Inglaterra foi o unico que, com a quebra do padrão ouro em 1931, viu o commercio exterior melhorado em 1932.

E’ certo que, em fins do seculo XIX e no

começo do actual, a Inglaterra dominou o commercio internacional. Por meio de sua organização financeira e de suas empresas de navegação, o commercio britannico encontrava nos paizes agricolas a collocação para seus artigos manufacturados. A pouco e pouco foi-se operando o deslocamento da industria e do commercio mundiaes, surgindo outras poderosas nações industriaes, como a Allemanha, os Estados Unidos, o Japão, etc. A Grande Guerra veio accentuar ainda mais esse deslocamento, dando lugar ao surto commercial manifestado em paizes de outros continentes. Esses factos servem para evidenciar que a corrente commercial está muito perturbada e que nos encontramos em um periodo de fortes transformações.

Entre 1911 e 1925, o commercio começou a assumir grande importancia no Pacifico, assim como, no presente momento, com o bloqueio monetario, observa-se manifesta tendencia para ser estimulado o commercio entre os paizes da Europa, razão pela qual um dos resultados da crise actual poderá ser o do estreitamento das relações entre os paizes americanos no terreno commercial, firmando convenios baseados em alto espirito de reciprocidade.

Impõe-se a formação de um forte intercambio internacional nas Americas. Nessa sabia politica, a collaboração dos Estados Unidos com a America do Sul é imprescindivel, manifesta como é a tendencia do Velho Mundo em ir buscar de preferencia nas suas colonias tropicaes e semi-tropicaes os productos que actualmente recebem dos paizes latino-americanos. Nos Estados Unidos, com sua poderosa organização industrial, necessitando garantias para a collocação de seus productos industriaes, os paizes latino-americanos poderão encontrar collocação para suas materias primas.

Defendendo uma bem inspirada politica economica pan-americana, não vou ao ponto de admittir como possivel, viverem as Americas desligadas da Europa, sabido como é que a Europa adquire seguramente metade do que o mundo tem para vender e fornece 42 % do que o mundo necessita.

“A Europa Industrial expede carvão, material de estradas de ferro, machinas e productos manufacturados e recebe do resto do mundo suas materias primas e seus productos agricolas: nitratos do Chile; lã da Australia; trigo dos Estados Unidos e da Argentina; café do Brasil e, depois da invenção dos processos refrigeradores, a carne, as fructas, a manteiga e o queijo da America do Sul, da Australia, da Africa do Sul e da Nova Zelandia. (La situation économique mondiale — Geneve — 1931-32).

Encontramos-nos actualmente em face muito complexa do commercio internacional pelos novos aspectos tomados pelas restricções impostas a esse commercio, pois, além das barreiras aduaneiras, a defesa se faz mediante quotas, licenças especiaes para importação, trazendo prejuizo crescente para o intercambio.

Como palavra de ordem, surgiu a preocupação de importar pouco e exportar o maximo, regimen esse que creou para o commercio internacional situação a que poucas nações poderão resistir, principalmente aquellas de nivel elevado de vida, luctando com outros povos de mão-de-obra barata e com menores encargos sociaes.

Tudo nos leva a acreditar que torna muito difficil o accordo internacional de caracter plurilateral. Ainda recentemente, o Presidente Franklin Roosevelt fazia declaração favoravel aos accordos commerciaes e aduaneiros de caracter bi-lateral. Nessa ordem de ideas, o momento nos está aconselhando a adopção de uma politica de aproximação commercial com aquelles paizes, com os quaes temos interesses de maior monta. Felizmente, o Brasil corajosamente tem tentado remover todas as causas que atrophiam o trabalho nacional, e é assim que sua producção, tanto agricola como industrial, vae procurando, cada vez mais, attender ás necessidades internas e, por outro lado, a nossa politica commercial exterior. Essa politica, por feliz inspiração patriotica, tem agora a orientar a o Conselho Fiscal do Commercio Exterior, como “orgão coordenador de todos os departamentos federaes e estaduaes de producção do paiz e das suas classes productoras”, passando assim tambem a fazer o controle e a divulgação dos nossos productos no exterior.

E’ essa uma providencia salutar com a qual se regosijam as classes activas do paiz, vencidas da necessidade urgente de uma politica de organização da produção nacional, mediante a intensificação do commercio internacional.

Procurando interpretar os sentimentos dos agricutores do Brasil, eu me congratulo com o Exmo. Presidente da Republica pela feliz iniciativa da formação do Conselho, collocando sob a acção directa de S. Exa. pois não é dado a ninguem desconhecer que a politica agricola entrou no primeiro plano dos interesses collectivos, exigindo tambem que seja tomada em consideração, como base essencial que é da expansão economica dos povos.

# INDUSTRIA DE LACTICINIOS

**JULIO CESAR LUTTERBACH**

(Antigo Thesoureiro de S. N. Agricultura)

Sendo o leite o principal alimento para as crianças, adultos e doentes, bem merece a atenção do Governo para amparar a sua industria e a dos seus sub-productos, garantindo aos consumidores um alimento sadio e aos productores um preço equitativo e remunerador, para que se intensifique a produção, qualidade in-natura e a dos seus sub-productos, para exportação e consumo.

O Governo ha bem pouco tempo, fez publicar no Diario Official, um ante-projecto, para a regulamentação da Industria de Lacticinios.

Taes exigencias (na maioria) são justas e devem ser observadas, mas, infelizmente, o proprio Governo esquece-se de dar mão forte ao productor, que é obrigado com sacrificio, que estão além das suas forças, a primar por aquellas observancias, deixando de ter o lucro de que é merecedor. O productor de lacticinios é sacrificado com os seguintes entraves á sua exploração:

1º — Imposto territorial sobre o alqueire de terras, extorsivo, pois, essa area, durante um anno, não pôde comportar mais do que 4 vaccas, e notando-se que, assim mesmo, conforme a qualidade, clima e topographia.

2º — O imposto Municipal de 500 reis por vacca.

3º — Limpezas de pastos, carissimas.

4º — Imposto de Renda.

5º — Imposto de exportação.

6º — Imposto inter-estadual.

7º — Imposto de importação de carrapatecidas, vasilhame, arame, grampos, para cercas, lubrificantes, para as machinas, sal, creolina, etc.

8º — Sello de consumo sendo de 80 réis por kilo.

9º — Sellos sobre vendas mercantis.

10º — Preço mínimo de 6\$000 réis para kilo de manteiga, tabella da Prefeitura do Districto Federal.

11º — Salarios caros para os retireiros e lacticinistas.

12º — Sal de primeira qualidade carissimo.

13º — Caixas, prégos, arqueação, fretes, transportes, etc. etc.

Pelo exposto acima e diante das exigencias feitas pelo Governo, vê-se que é dever deste amparar o productor do leite e tambem o industrial, não os deixando ao abandono, e dando todo o apoio ao intermediario, principalmente aos *entrepotos* que são os que mais se locupletam á custa dos que tem capitaes invertidos em terras e suas explorações.

Facilitar todos os meios de transportes, baratear fretes e impostos. Auxiliá-os com a assistencia de technicos de comprovada competencia neste ramo de actividade.

Abolir no Districto Federal o preço minimo para a venda do leite e seus sub-productos, deixando-os por consequente, sujeitos á lei de oferta e procura. — Garantir ao productor um preço minimo de 400 réis por litro de leite durante o anno.

Abolir terminantemente a venda de manteigas reformadas ou vegetaes.

Facilitar o mais possivel a exportação de manteiga para outros Estados da União e mesmo para o estrangeiro. — Fornecimento gratuito de séros e vaccinas aos fazendeiros, a exemplo do que fazem outros paizes. — Emprestimo aos fazendeiros de reproductores de raças leiteiras e seu transporte gratuito até ás fazendas. — Exposição annual exclusivamente de productos de lacticinios, com premios aos productos rigorosamente classificados.

Qual o motivo dos revendedores de leite obterem por venda de cada litro de leite no D. Federal, até o preço de 1\$200 quando o productor que arca com todos os entraves enumerados e mais alguns recebe de 160 a 250 réis?

O Governo beneficiando o productor terá como consequencia logica, augmento de suas rendas.

\*  
\* \*

A proposito do trabalho acima, recebeu a Sociedade Nacional de Agricultura, o seguinte communicado do Sr. Otto Frensel:

"Li com a maior atenção e interesse as apreciações e suggestões do Sr. Julio Cesar Lutterbach, feitas na sessão de 13 do corrente. As medidas alvitradas pelo Sr. Lutterbach devem merecer o maior apoio, não somente desta Casa a qual ha tantos annos e com tanta elevação de espirito se vem batendo pela racionalização da pecuaria brasileira, como tambem de todas as autoridades bem intencionadas e demais interessados. É certo que a alteração dos impostos é medida que pertence á alta administração e a compreensão da mesma, quando a uma perfeita organização, nada adiantando o jogo de empurra entre productor, intermediario e consumidor, quanto a quem deva pagar os impostos necessarios a manutenção do Estado.

Em dois pontos da exposição do Sr. Lutterbach desejo, entretanto, prestar alguns esclarecimentos. Estes são "abolir no Districto Federal o preço minimo para a venda do leite e seus derivados, deixando-os á lei da oferta e da procura" e "garantir ao productor um preço minimo de Rs. \$400 por litro de leite durante o anno". Deante da experiencia que temos, em todo o

mundo, e aqui entre nós com o café, o assucar, o matte, etc. não pôde haver duvidas, quanto á necessidade da limitação dos preços ou da producção. Para se garantir um preço mínimo ao productor, é necessario que tambem se garanta uma margem minima aos demais elementos, indispensaveis, pelo menos actualmente, ao commercio do leite e de lacticinios. Nas condições actuaes sómente se poderá garantir ao productor um preço maior, desde que se possa augmentar o preço do producto junto ao consumidor. O que isto significa todos sabemos: é transformar uma grita numa grita ainda maior. Si effectivamente houver intermediarios desnecessarios, a unica medida á tomar é organizarem-se os productores ou outros elementos, considerados uteis. Não ha outra medida. Favores passageiros nada adeantam, antes pelo contrario sómente servem para aggravar a situação no futuro.

E' um facto, como allega o Sr. Lutterbach, que o productor, recebendo Rs. \$250 por litro, vê o seu producto vendido ao consumidor por Rs. 1\$200. Este preço de Rs. 1\$200 é, entretanto, o preço do leite, servido numa mesa de uma leiteria luxuosa no centro da cidade. Não é, pois, um exemplo justificativo. A comparação a fazer é com o preço de Rs. \$700 que é por quanto o consumidor pode comprar o leite dos vendedores ambulantes (automaveis), etc. Quem quizer comprar barato terá, porisso, que fazer força, levantando-se mais cedo, esperando o automovel na esquina, etc. É justo, porisso, que quem não se quizer dar á este trabalho, deixando que outro o faça por si, pague mais. É a ordem natural das coisas.

Quanto aos conceitos emittidos á respeito dos entrepostos, tambem tenho que discordar. Antes de fazel-o, desejo, comtudo, esclarecer que não fui comissionado para este fim. Si o faço, é unicamente por amor á verdade e pela sincera comprehensão de que é necessario afastar todos os boatos inverdicos, geralmente gerados por um estudo pouco profundo das questões, afim de não tornar situações já difficeis ainda mais complicadas. O que tenho que dizer sobre este ponto é pouco. Os entrepostos pagam ás usinas \$450 réis por litro e o recebem por 520 réis ás leiterias. A differença entre 250 réis e 1\$200 é 950 réis e delles os entrepostos apenas recebem 70 réis. Não são, pois, os entrepostos que absorvem esta differença total. Si ha taes differenças, devemos attribuil-as unica e exclusivamente á falta de organização technica e economica de uma parte dos interessados no negocio. Para o abastecimento de leite de uma grande cidade, o entreposto representa um im-

portante papel de fiel da balança que oscila entre a producção e o consumo. Talvez não seja mesmo caro pagar-se alguma cousa por este serviço de utilidade".

## O CONSUMO DE LEITE DO RIO DE JANEIRO

Otto Frensel

Com uma população de mais ou menos dois milhões de habitantes, a Capital Federal consome approximadamente 210.000 (duzentos e dez mil) litros de leite fresco por dia. 180.000 litros d'esse leite são importados do Interior dos Estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro e São Paulo. Os 30.000 litros restantes são produzidos e distribuidos por perto de duzentos estabulos ou vacarias, disseminados por todo o perimetro urbano, tanto nos bairros pobres, como nos ricos.

Os citados 180.000 litros de leite, provenientes do Interior, são exportados de lá por pouco mais de sessenta usinas exportadoras de leite que o pasteurizam e congelam parcialmente. Este leite é recebido pelos tres entrepostos de leite, existentes n'essa Capital. Depois de examinado n'esses entrepostos pelas autoridades do Serviço de Fiscalização de Leite e Lacticinios e quando achado proprio para o consumo, o leite é fornecido ás leiterias, em numero de quinhentas mais ou menos, as quaes distribuem cerca de 75% (setenta e cinco) d'esse leite. Os 25% restantes são vendidos em carros-tanques ou postos, chamados "feiras", directamente ao consumidor que lá vae buscar o leite em vasilhames propios.

Com um consumo medio por cabeça de menos de 110 grammas, o Rio de Janeiro, é, talvez a capital mundial de menor consumo de leite. Basta lembrar Buenos Aires, aqui perto, com um consumo diario médio por habitante de 440 grammas. Ha, comtudo, tendencia de augmento no consumo de leite fresco do Rio de Janeiro, fomentado pela Propaganda do Leite, iniciada em Novembro de 1931. Realmente, os successos obtidos com essa Propaganda do Leite já são consideraveis, pois, no mez citado o consumo diario de leite do Interior era de 120.000 litros contra 180.000 litros actuaes. Como se vê, o augmento annual, graças a essa propaganda foi de mais de 15%. Antes de ser iniciada a propaganda, o consumo de leite ougmentava n'esta Capital apenas em relação ao augmento de sua população ou sejam cerca de 5 — 6% annuaes.

Francisco  
Giffoni & Cia.

CREANÇAS ANEMICAS LYMPHATICAS RACHITICAS  
**JUGLANDINO**  
SABOROSO XAROPE 1000-PHOSPHO-CALCICO

1º de Março, 17  
Rio de Janeiro

# O Matte Brasileiro e o accordo a ser assignado entre o Brasil e a Argentina

Sobre este assumpto o Sr. R. Fernandes e Silva, em um memorial dirigido á Sociedade Nacional de Agricultura, que foi lido em sessão da Directoria, fez as seguintes considerações:

"Accusando o recebimento do vosso officio de hontem datado cumpre-me agradecer-vos as providencias tomadas por essa patriótica Sociedade mandando ler em uma das suas sessões semanaes as breves considerações que vos remetti relativas a introdução do Coqueiro Anão no nosso paiz e sua importancia para a nossa vida economica.

Não podendo, por motivos superiores, tomar parte nos trabalhos da sessão de hoje, peço-vos permissão para dizer aqui algumas palavras acerca do problema do matte brasileiro que se me afigura de difficil solução em virtude da sua dependencia directa com varios factores de ordem economica, politica e social.

Os nossos diarios de hontem publicaram o resultado das conversações entre o nosso Ministro do Exterior e o Embaixador da Argentina acerca da solução do problema do matte naquella Republica amiga.

Segundo informa o Sr. Ramon Carcano, o Governo do seu paiz deve enviar ainda esta semana ao Congresso um projecto de lei que virá resolver, em definitivo, a cultura, a importação e o commercio da herva matte argentina.

Entre os providencias a serem postas em pratica visando a defesa da nossa produção está a derrogação da taxa adicional de 10% "ad-valorem" das alfandegas Argentinas; supressão das clausulas que obrigam o plantio dessa *ilicacea* nos terrenos de Missões; limitação das culturas já existentes e prohibição de novas plantações; criação de um imposto de consumo indicindo tanto sobre o producto argentino como o brasileiro; e, na Argentina, de uma Comissão mixta de propaganda composta de argentinos e brasileiros.

Quem estuda e conhece a verdadeira situação das culturas, da industria e do commercio do matte nos Estados do Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Matto Grosso e o que, no sentido de organização e

defesa deste producto, se tem feito em Missões, na Argentina, e, bem assim, na sua Capital, com relação á sua industria e commercio, não pôde, em absoluto, acreditar que as providencias que se pretende tomar venham solucionar, em definitivo, o problema do matte, pelo menos na parte que nos interessa.

E' verdade que em virtude dos entendimentos a que nos referimos os nossos commerciantes e exportadores desta mercadoria para o mercado argentino encontrarão maiores facilidades na venda dos seus productos e possivelmente melhores cotações; mas o problema não se limita tão sómente á parte commercial e sim á agricola, principalmente, que está merecendo toda a attenção dos que sinceramente desejam cooperar para o soluçionamento da defesa da nossa produção.

As leis, os tratados, os accordos já existentes e os que se venham de futuro votar e celebrar entre paizes interessados são de resultados fecundos, quando bem executados, mas, sem a cooperação mutua dos productores, industriaes e commerciantes, não acreditamos na resolução dos inumeros casos relacionados ao nosso matte.

Muitos problemas que se prendam á sua cultura, como á sua industria e commercio, estão reclamando da parte dos nossos governos e dos nossos technicos estudos cuidadosos, e solução immediata.

Não nos illudamos. A Argentina, não podendo, presentemente, por motivos que não devemos aqui examinar, augmentar, mais ainda, a sua capacidade productora deste artigo, hoje considerado de primeira necessidade no paiz, e sabendo que está na dependencia de quasi 80% de nosso matte, não restringiria, *tão sómente, para ser agradavel*, as suas plantações, as suas colheitas, etc.!

Tal facto só seria admissivel se tivesse ficado plenamente demonstrada a impossibilidade da produção economica deste producto no seu territorio. No emtanto se verifica, em Missões, justamente o contrario. Por emquanto os seus typos commerciaes soffrem uma adicção do nosso producto ou do procedente do Paraguay, pelo facto do puro argentino não ser bem acceto pelos consumidores; mas, suas estações experimentaes estão tra-

**ATELIER DE GRAVURAS**

**SILVA**

**&**

**43, AVENIDA GOMES FREIRE, 43**

**BARRETO**

**TELEPHONE 2-6894**

**RIO DE JANEIRO**

**GRAVADORES**

balhando com verdadeiro interesse scientifico e ardor patriótico no sentido de obterem novas variedades que venham a satisfazer as necessidades e exigencias do consumidor.

Sem desprezarmos as vantagens que nos offerece aquella Republica amiga devemos cuidar do que é nosso; defendendo por todos os meios possiveis esta nossa grande fonte de riqueza agricola ameaçada da mesma sorte que teve a borracha e que terão outros productos vegetaes se, quanto antes, não nos organizarmos em associações de classes visando a systematisação das suas culturas, com o fim de produzirmos um artigo de primeira qualidade, pelo menos preço possivel; a racionalisação dos productos, pela sua padronizaçào, pureza e melhor apresentação, etc. outras questões directas e indirectamente relacionadas à produçào, industria e commercio do matte, como sejam: transportes rapidos e baratos; reduçào de impostos e taxas de naturezas varias,

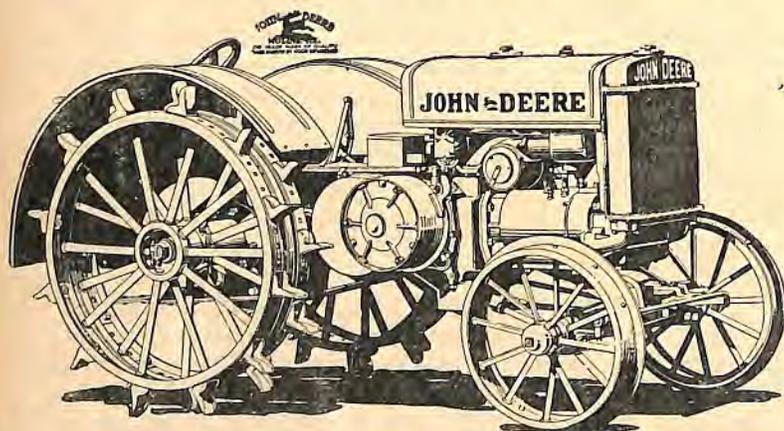
quasi prohibitivas; repressào ao contrabando na fronteira; fiscalisação para evitar as falsificações; organizaçào da cooperaçào e syndicalisação dos productores; estudos dos mercados internos e externos; propaganda no paiz e no exterior, etc.

Os tratados e accordos diplomaticos sobre o intercambio commercial ou tendo em vista outros fins são necessarios, indispensaveis mesmo, á expansào economica dos povos que não querem viver isolados, mas, ha uma serie de problemas que só podem ser resolvidos pelos proprios Estados ou paizes interessados.

Não abandonemos, pois, o nosso matte, cuja produçào e exportaçào vae em escala descendente vertiginosa, ameaçando de ruina a milhares de brasileiros, laboriosos e honestos, que vivem do seu trabalho, no campo e nas fabricas, nos centros productores.

E' possivel que esteja elaborando em erro, mas a minha intençào é boa e por isso devo ser desculpado".

## MACHINAS AGRICOLAS "JOHN DEERE"



Tractor "JOHN DEERE" Modelo D-15/27 HP - A Oleo "Diesel"

SEMPRE EM STOCK PEÇAS SOBRESALENTES

**Unicos Representantes e Depositarios**

SÃO PAULO  
Rua Alvares Penteado, 1  
Caixa Postal 44

**LION & CIA.**

RIO DE JANEIRO  
Rua Teofilo Ottoni, 41  
Caixa Postal 42

Tractores, arados de aiveca e de disco para tracção animal e mechanica, grades de dentes e de discos, semeadeiras, cultivadores, prensas, etc.

Os productos das fabricas "JOHN DEERE" são hoje universalmente conhecidos e a sua preferencia se justifica pela superior qualidade de sua fabricaçào e pela organizaçào industrial dos seus estabelecimentos, a qual permite produzir e vender por preços assás reduzidos a enorme variedade de machinas para agricultura lançada em todos os principaes mercados do mundo.

# O Problema da Saccaria na Sociedade Nacional de Agricultura

JOSÉ MARIA FERNANDES

"Apesar de existir no Brasil uma serie bem extensa de plantas que podem fornecer fibras para fins industriaes diversos, vamos tratar aqui somente daquellas consideradas de valor economico, e que poderiam influir em nossa balança commercial como artigo de exportação ou consumo interno.

Com uma exportação avultada de productos que necessitam acondicionamento perfeito e resistente, taes como o café, cacão, algodão, etc. são as fibras empregadas na fabricação da aniagem e saccaria as que mais de perto nos interessam, no momento. Não produzindo a materia prima para o consumo de suas fabricas localizadas especialmente em São Paulo, o Brasil importou no quinquennio de 1928-32, 75.178.858 kilos de juta, no valor de 114.050:503\$000 ou seja a media annual de 15.035.771 kilos, no valor de 22.809:300\$000, equivalentes a 465.722 libras esterlinas.

Em 1933 a importação de juta bruta se elevou a 19.407.269 kilos no valor de 23.738:845\$000, importancia essa que sommada com a correspondente ao fio e estopa importados, alcançou cifra superior a 32 mil contos.

Alem das plantas exóticas, productoras de fibras, que podem ser introduzidas e cultivadas com certa facilidade no Brasil, taes como a juta, a ramie, o canhamo, etc. existem varias outras, especialmente da familia das malvaceas, bromeliaceas, etc. que, nativas ou aqui introduzidas ha longos annos e já perfeitamente aclimatadas, poderiam fornecer materia prima capaz de substituir a importada de um paiz, que por signal nada nos compra.

O Pará e Amazonas, já podem fornecer ás industrias do Sul, certa quantidade de "uacima" ou "guaxima", nome generico que tomam fibras extrahidas da "Urena Lobata", "Pavonia Malacophyla" e outras malvaceas que vegetam expontaneamente nas varzeas e terras frescas a margem dos rios e riachos existentes em grande quantidade nesses Estados.

A guaxima substitue perfeitamente a juta, podendo ser trabalhada com as mesmas machinas, isolada ou em mistura com aquella.

Não existe ainda na Amazonia uma exploração regular de fibras vegetaes. A sua maior ou menor extracção depende exclusivamente da cotação da borracha, castanha e outros productos extractivos, naturaes da região.

Os preços altos de São Paulo, provocados pela dificuldade de cambiaes para a importação da juta, estimulariam por algum tempo a exportação dessas fibras, porém, com uma exploração desorganizada e na ancia de aproveitarem os preços, que chegaram em Manãos e Be-

lem a 1\$200 o kilo, os pseudos productores, lançaram-se a todas as plantas capazes de produzirem fibras o o resultado foi um producto irregular, nem só devido a variedade e estado de maturação das plantas, como ainda a maceração incompleta, effectuadas em aguas paradas e sujas.

Com as primeiras reclamações dos industriaes veio a baixa dos preços, desinteressando por isso a sua maior extracção.

Do Amazonas foram exportados em 1932( 7.223 kilos emquanto que em 1933 não passou de 2.510 kilos, no valor de 2:259\$000.

A exportação do Pará, que começou a se desenvolver em 1931, quando de Belem sahiram 1.362.000 kilos, passou para 2.246.000 em 1932, porém, ficou reduzida a 44.283 kilos em 1933, com um valor de 32 contos reis.

Em vista das reclamações dos importadores paulistas o Governo do Pará creou, em Maio de 1932, o serviço de inspecção e classificação das fibras exportadas daquelle Estado, adoptando padrões organizados de colaboração com a Companhia Paulista de Aniagem.

Os typos são numerados de 1 a 3 e mais um de refugo, chamado estopa, baseando-se a qualidade no comprimento e preparo das fibras que se apresentam tanto mais claras, flexiveis e sedosas quanto mais novas forem as plantas e mais limpa a agua empregada na maceração.

Com a criação do Serviço de Plantas Texteis passou para as suas attribuições a classificação das fibras em Belem, cujo movimento em Novembro e Dezembro foi de 172 fardos, pesando 36.682 kilos.

Como se vê a exploração das fibras texteis na Amazonia está exigindo uma organização racional sendo mais aconselhavel o regimen cooperativista auxiliado pelos governos, especialmente na parte financeira e tecnica.

Em Pernambuco, alem da industria local de cordas já existe uma pequena exploração industrializada que aproveita a fibra do caroá "Neoglaziovia Variegata" para a fabricação de fio, barbantes e saccos, que, sendo bastante resistente, terão de certo procura geral em todos os mercados.

A exportação do caroá em Pernambuco é ainda insignificante e tenderá a paralizar em breve, si rigorosas medidas de protecção não forem tomadas, afim de evitar-se o exterminio completo das plantas silvestres que correm em extensas regiões do sertão pernambucano. E' que os colhedores, para aproveitarem as folhas, de onde são extrahidas as fibras, arrancam toda a planta que não sen-

do substituída em culturas regulares, vão escasseando cada vez mais, até o seu inteiro desaparecimento.

Em 1933 Pernambuco somente exportou 5.895 kilos de fibra de caroá, no valor de 4:710\$000, sendo 1.595 kilos para varios pontos do paiz e 4.300 para o estrangeiro.

Em São Paulo, são inumeras as tentativas para a cultura da "Aramina", "Malva Roxa", "Juta Paulista" e até da propria juta indiana, todas ellas com resultados bastantes desanimadores, devido especialmente aos processos ante-economicos até aqui utilizados para a maceração das fibras que, por isso, não podem competir com a juta importada.

De cultura relativamente facil e produção abundante, desde que possa contar terrenos apropriados, a preparação ou beneficiamento da fibra, isto é, a sua separação das substancias aglutinantes que as prendem entre si, nos tecidos que formam as hastes, caules ou folhas, tem sido até hoje, o ponto insolúvel do problema da substituição da juta por qualquer outra fibra nacional.

Os processos de maceração natural exigem quantidade de agua corrente, temperatura elevada e uniforme, o que somente se poderá conseguir economicamente no norte do paiz, specialmente nas margens do Amazonas e seus afluentes. No Sul, a baixa temperatura do inverno retardando a acção dos bacillos da fermentação, prolonga o periodo da maceração o que alem de exigir maior quantidade de tanques traz como resultado um enfraquecimento sensível das fibras em virtude de ficarem muito tempo em contacto com a agua.

A maceração biologica, por intermedio do bacillo *felcinius* até agora não apresentou resultados praticos e só pode ser aconselhado para fibras de grande valor economico, em virtude de aparelhamentos especies e technicos indispensaveis.

Basta portanto o processo mechanicamente de desfibramento, que tambem está exigindo estudos especiaes e que só podem ser effectuados pelos governos em virtude de seu alto custo.

Até aqui as machinas dsfibradoras existentes são destinadas a varias outras fibras e a sua adaptação ás fibras nacionaes não têm alcançado até aqui os resultados desejados, quer pelo seu beneficiamento incompleto quer pelo seu pequeno rendimento.

Sendo as fibras vegetaes empregadas para a confecção de artigos de baixo preço, o custo de sua produção é o ponto basico de sua exploração.

Recentemente um industrial paulista chegou a plantar cerca de 400 alqueires de "*Hibiscus Kitaibelifolius*" ou "*H. Bifurcatus*" cujas hastes com mais de 3 metros, po-

dem fornecer cerca de 4.000 kilos de fibras seccas por alqueire.

Dispondo de 34 tanques de 12 por 30 metros, o referido industrial não pôde macerar toda a sua produção dentro do periodo de melhor aproveitamento das fibras, que é o da floração. Os tanques só comportam 70.000 kilos de hastes e a maceração durante 8 a 15 dias no verão não permite mais de duas cargas por mez durante o verão e obriga a maceração no inverno que produz fibras bem inferiores em virtude da prolongada permanencia nos tanques, que em geral vae alem de 30 dias.

Seria necessario, portanto, um numero bem mais elevado de tanques para preparar em tempo opportuno toda a produção dos 40 alqueires, num total de 450 a 500 mil toneladas de hastes por anno.

Procurando melhorar esta situação já existe em São Paulo uma machina que descasca, ainda no campo, as hastes do *hibiscus bifurgatus*, o que representa maior capacidade dos tanques e grande economia nos transportes com o possivel aproveitamento das hastes descascadas para a fabricação do papel.

Em conclusão, o problema da fibra nacional é uma questão de produção economica, cujo ponto principal está na phase do desfibramento, ou preparo do producto para o mercado.

Para resolver esse problema, de interesse nacional, seria de recommendar as seguintes providencias:

a) — instalação no Pará ou Amazonas, Pernambuco e São Paulo, de estações experimentaes com o fim exclusivo de estudar em todos os seus detalhes as plantas texteis existentes em cada região e adaptar outras consideradas de valor economico, fornecendo aos interessados sementes e mudas destinadas ao plantio e bem assim todas as informações necessarias á sua cultura racional;

b) — organizar cooperativas de interessados ou ainda nucleos colôniaes para a exploração racional das fibras texteis que seriam aparelhadas para o beneficiamento da fibra, financiados e orientados technicamente pelo Governo;

c) — Desenvolver no Instituto Technologico os estudos para o aperfeiçoamento dos processos de desfibramento mechanicamente ou biologico, facilitando aos interessados a construção e experimentação de suas machinas e concedendo auxilios e premios aos que apresentarem novas modalidades ou processos de efficiente aproveitamento das fibras;

d) — estudar a possibilidade da applicação dos tecidos de algodão na industria da saccaria dispensando todas as taxas e impostos que possam sobrecarregar o seu custo de produção.

FRANCISCO  
GIFFONI & CIA.

**GRIPPE-NEURALGIAS-DÓRES EM GERAL**  
**CALMANTINA**  
COMPRIMIDOS DE GIFFONI  
**ACTUAM SEM DEPRIMIR O ORGANISMO**

Rua 1.º de Março, 17  
Rio de Janeiro

# O NOSSO ALGODÃO SUA CLASSIFICAÇÃO POLITICA DE RESTRICÇÕES

O Sr. Ed. Cardoso Ayres, attendendo ao pedido do Sr. Arthur Torres Filho, Vice-Presidente em exercício da Sociedade de Agricultura, apresentou o seguinte trabalho sobre o commercio e exportação do algodão brasileiro:

"Referindo-me à nossa conversa na Sociedade Nacional de Agricultura, venho, com muita satisfação, trazer o contingente insignificante de minha observação na pratica do commercio e exportação do algodão brasileiro para os seus estudos.

**CONTINUIDADE DE ABASTECIMENTO:** Uma das maiores difficuldades até agora encontradas para que o nosso algodão seja exportado francamente para os varios mercados consumidores mundiaes é a falta de continuidade no abastecimento. As fabricas que utilizam uma materia prima perfeitamente satisfactoria não desejam modificar as suas machinas ou fazer experiencias se não lhes é garantida a continuidade de fornecimento da mesma qualidade. Por esta razão, e sendo até agora as exportações do Brasil muito irregulares, o unico recurso de venda tem sido o mercado de Liverpool onde o nosso algodão é agregado ao grande volume dos chamados "exóticos" offerecidos a preços naturalmente reduzidos aos industriaes que áquelle grande emporio de materias primas se dirigem á busca de "pechinchas". Tudo faz crer, porém, que já entramos em uma nova phase de producção e a experiencia feita por São Paulo com magnifico resultado para o plantador, os recursos dados ao nordeste em obras contra seccas e enfim o amparo offerecido pelo Governo, com a liberação de 70% de cambio são factores garantidores da continuação e mesmo do grande augmento de nossa producção para o futuro. Já é tempo, pois, de insistirmos por um abastecimento de nossa preciosa materia prima, directamente aos industriaes de todo o mundo, porque, assegurada como está uma super-produção às necessidades nacionaes, poderíamos garantir uma exportação mais ou menos continua.

**CLASSIFICAÇÃO:** — Já é bem apreciavel o que até agora fez o Serviço do Algodão no tocante á classificção e de modo geral podemos dizer que as fraudes de fardos contendo pedras e outras materias extranhas já acabaram e que nos principaes centros, como Recife, João Pessoa, Fortaleza e São Paulo a classificção já é geralmente razoavel. O que falta para seu aperfeçoamento é diffusão já o Governo está cogitando de ordenar e a este proposito apenas permitto-me suggerir que na confecção do Regulamento para classificção ora em estudo fosse pedida a collaboração das associações de classes interessadas, como descaroçadores, prensas, commerciantes e fiadores. Porém esta classificção, official determina apenas a fibra nas suas grandes divisões (Matta — Sertão — Seridó) e a limpesa nos nove typos standard. Exige, entretanto, o fabricante europeu maiores

detalhes na aquisição da materia prima, como sejam, seccosidade, resistencia, cor e o que na technica se chama o "caracter do algodão". Não, porém possivel nem necessario que a classificção official cogite de taes detalhes de uma technica muito difficil, pois os exportadores pela concurrencia entre elles terão os seus technicos classificadores para attender as exigencias dos seus clientes.

E' o mesmo que se dá com o café cuja cotação official é apenas Santos 4 ou Rio 7 e os exportadores ou os grandes compradores de fóra, como American Coffee Co. e outros têm nos portos os seus technicos que detaham "strictly soft — good roast" etc.

A Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (S/A) "Sanbra", da qual o signatario é um dos Directores, vem de ha longos annos interessando-se pelo aperfeçoamento do algodão desde a sua plantação e já se organizou para que tambem a exportação pudesse ser feita, como acima ficou dito, directamente aos consumidores mantendo para isto technicos experimentados.

A exportação feita por nosso intermedio ultimamente destinou-se em sua grande parte a Antuerpia Hamburgo e outros portos do continente.

**A POLITICA DE RESTRICÇÕES:** — O nosso esforço em nos libertar dos de Liverpool ia sendo coroado de exito. Entre outros mercados compradores merece especial attenção Hamburgo, pois apesar da actual reduzida capacidade acquisitiva do consumidor na Allemanha, é aquelle centro de uma grande importancia pela conhecida tenacidade de trabalho de sua gente e dispõe o paiz de colonias para aquisição de suas materias primas com privilegios aduaneiros, como acontece com outros. Estamos, porém, desde alguns mezes grandemente desapontados com a restricção feita pelo Governo daquelle paiz nas importações de algodão o que veio inutilizar os sacrificios feitos em experiencias e propaganda. A confiança allí já se ia pouco a pouco estabelecendo a ponto de varios fabricantes terem feito suas encomendas para embarques repetidos durante muitos mezes.

E' para este caso especial que ousou pedir por intermedio de V. S. o alto patrocínio do Conselho Federal do Commercio Exterior. Respeitando as justas razões do Governo allemão em querer equilibrar a sua balança commercial seria necessario que encontrassemos uma conciliação, fazendo accordo para troca do nosso algodão com artigos de exportação allemã, etc. O Delegado Commercial do Brasil naquelle paiz, Sr. Otto Matheis, poderia talvez suggerir e encaminhar qualquer negociação neste sentido. A "Sanbra" e pessoalmente o signatario tem muito prazer em prestar a V. S. qualquer outra informação que lhe seja necessaria no desempenho da missão que está cumprindo junto ao Conselho Federal do Commercio Exterior com o patriotismo sempre demonstrado nos seus estudos de nossos problemas economicos.

# Considerações Economicas sobre a Exploração da Castanha do Pará

Engenheiro Agrônomo

**FREDERICO MURTINHO BRAGA**

A castanheira, *Bertholetia Excelsa* H B K, desde tempos antigos é conhecida pelos indigenas do valle do Amazonas, que denominavam suas castanhas de *nha, niá, invia e ticari*, segundo a tribo a que pertenciam e "dellas faziam uso não só como condimento de varias iguarias como ainda para dar melhor paladar aos mingaus de farinha de mandioca, misturando-lhe o succo leitoso" (Jayme Calheiros). Assim conhecida que era dos indios, é natural que estes em convênencia com os hollandezes lhes tivessem offerecido um producto de excellente paladar em troca de ferramentas e missangas; deste modo as castanhas do Pará, como tudo faz crêr, foram primeiramente utilizadas pelos hollandezes nos fins do seculo XVI e começo do XVII, quando os portuguezes conquistaram o Grão Pará.

Em 1590 o Padre Acoste se referia entusiasmado a umas amendoas suppondo tratar-se das sementes do castanheiro do Peru, quando em verdade as referidas sementes pertenciam á *Bertholetia*.

Apezar de ter sido em 1633 descripta por Laet, somente muito tempo depois é que as saborosas amendoas do Brasil tiveram logar de honra á mesa pois até 1755 as castanhas eram apenas aproveitadas para sustentos dos animaes domesticos. Em 1800, já em inicio a exploração de alguns castanhaes, não se pagava mais de 80 reis o queire (cerca de 20 kilos).

De anno para anno tem crescido a exportação, salvo em epochas anormaes e actualmente, todos sabem, a castanha occupa o primeiro posto na exportação dos Estados do extremo norte.

As castanhas se classificam commercialmente segundo o seu tamanho em tres typos: miudas, medias e graudas. São denominadas, muitas vezes, na praça de Belém segundo a sua procedencia, conforme os rios das terras de onde provêm, e não de accordo com o nome do Municipio productor.

Assim toda a castanha proveniente dos municipios localizados no Tocantins é designada "typo Tocantins" apesar de haver varios municipios productores de castanhas banhados por aquelle rio; o mesmo succede ás castanhas de outros municipios.

A castanha grauda é proveniente dos rios afluentes Trombetas, Cachorro, Mapuera, Cuminá e Amapá, sendo tambem produzidas no valle do Tapajóz e no Acazol em Montenegro. Medem 55mm. a 70mm. de comprimento e 40mm. de grossura; um kilo dellas contem 62 castanhas e um litro 30. O conteudo de um litro destas é de 190 grammas.

As *medias*, tambem denominadas *medias-graudas*, são encontradas no Jary, Maracá e Tocantins; medem 45 a 54mm., contendo um litro 39 castanhas.

As *miudas*, designadas tambem por pequenas, são exploradas em Obidos, Oriximiná, Faro, Tapajoz, Alenquer, Ilhas, Amapá e Xingu'. Tem de 30 a 44mm. de comprimento e um litro dellas encerra 63 castanhas.

No volume de exportação predominavam na praça de Belém, as percentagens de 6%, 40% e 56% para as castanhas graudas, miudas e medias; na praça de Manáos predominam as castanhas graudas.

A castanha é considerada *superior* se apresenta no corte ou fractura até 10% de parte não leitosa; é *media* quando a percentagem vae somente até 15% e *inferior* quando ultrapassa este ultimo.

Toda a castanha do Pará era exportada sem outro beneficiamento que uma simples lavagem, afim de se retirar as particulas de terra adherentes á casca. Isto é feito porque sendo a castanheira planta de elevado porte e de solo francamente argiloso, em virtude da altura de que caem, os fructos se enterram um tanto no solo; ora é justamente no inverno que se dá a queda dos fructos das arvores, e as aguas barrentas conseguem penetrar nos ouriços e sujar, enlameiar, as castanhas. Quebrados os ouriços os "castanheiros" retiram a preciosa amendoa, lavam-n'a, deixam secar e assim estão promptas para serem exportadas.

Esta maneira de exportar a noz do Brasil durou até 1929, quando os exportadores de Belém e os proprietarios de Usinas de Oleos, etc., resolveram tratar o producto do mesmo modo por que o faziam os importadores de New York e Liverpool. Houve epocha em que os Estados Unidos taxaram o producto — "amendoa descascada" — afim de evitar a concurrencia que os inglezes estavam fazendo nos mercados americanos do producto descascado na America. Hoje a Amazonia é grande exportadora do producto tendo as remessas de Belém subido de 667.228 kilos em 1929 para 2.983.388 kilos em 1933. A acceptação do producto vae se elevando de anno para anno, apesar do seu consumo ainda estar longe do que poderá ser. Em 1929 a America do Norte importou 602.419 kilos e já em 1933 somente New York consumiu 1.853.550 kilos; o mesmo se deu com a Inglaterra que de 61.072 kilos passou, no mesmo periodo, a 317.196 kilos. O Rio já consome 14.454; Santos 13.620; P. Alegre 2.340; todos durante anno de 1933.

O descascamento se faz do seguinte modo: a castanha chegada do Interior do Estado vae para os deposi-

tos, donde sae para ser quebrada. Antes desta operação as castanhas são aquecidas á 60°C, afim de facilitar o quebramento do tegumento corneo. Em uma mesa onde trabalham 3 operarios, está colocada a machina de quebrar, manejada por um operario, sendo os outros, quasi sempre mulheres, empregadas na separação do producto. A castanha antes de ser enlatada soffre uma seccagem em estufa de ar quente, especialmente construida para esse fim; quando é necessario conservar o producto alguns dias antes de enlatal-o, as castanhas vão para uma outra estufa de temperatura mais branda que a de seccagem, onde permanecem sem alteração por longo tempo. O enlatamento é feito por typos: grandes, medios e meudos, em latas de folhas de flandres com a capacidade de 15 kilogrammas. Duas latas são encaixotadas juntas levando as caixas a marca da fabrica, o typo de castanha, etc., etc., consoante as leis em vigor.

Presentemente a Bolivia está fazendo concorrência ao nosso producto, levando-nos vantagem, segundo informa o Consul do Brasil em Guayará Mirim, A. Mendonça Lima. Allega-se que as castanhas descascadas oriundas desse Paiz, apresentam-se nos mercados compradores da Europa e da America do Norte em condições de preço e qualidade mais apreciaveis do que as de procedencia brasileira. Devemos attender a esse facto nada auspicioso para a economia brasileira. Ademais, não só se cuida de "naturalizar" a castanheira no Oriente, conforme já fiz ver em comunicação á Sociedade Nacional de Agricultura como tambem, existem castanhaes na Venezuela, Peru', Colombia e Guyanas, e não ha o devido interesse no incremento do consumo da noz brasileira nos paizes estrangeiros.

As amendoas da castanha do Pará, cruas ou cozidas, são usadas na alimentação notando-se, que o seu consumo ao natural tem augmentado consideravelmente. Em Nova York ou melhor, nos Estados Unidos e na Europa, a castanha descascada é vendida em saquinhos de papel impermeavel com 8 a 10 amendoas. Um aparelho que separa inteiramente a amendoa do tegumento, veio facilitar, consideravelmente, a utilização dessa nutritiva castanha

que sobretudo na Paschoa, e, no Natal são muito procuradas.

Da castanha nova obtem-se um succo leitoso empregado como succedaneo do leite em mistura com o café. O "leite da castanha" é um liquido muito branco obtido com addição de agua á castanha ralada. Nesse estado é muito empregado como condimento das iguarias regionaes.

Na industria moderna são empregadas na confecção de porta-joias, sabonetes, copos, vasos, farinheiras, etc.

O oleo da castanha quando fresco é usado na alimentação e na industria é empregado na fabricação de sabões finos, lubrificante de machinas e ainda illuminação e em determinados productos pharmaceuticos.

O residuo resultante da extracção do oleo, dá excelente torta forrageira.

O valor alimenticio das saborosas amendoas paraenses deu margem ao seu largo emprego na industria dos confeitos, chocolates e outras gulodices, substituindo, vantajosamente, as amendoas e nozes europeas. Justamente pelo seu elevado poder calorifico é que as amendoas são consideradas alimento de inverno nos paizes importadores e recentes investigações feitas pelo Dr. Becher Hemmer, da Universidade de Zurich determinaram que a "noz do Brsil" contem as vitaminas A e B em abundancia, razão porque, alem de outras propriedades já enumeradas, é especialmente recommendada para creanças. Accresce ainda resaltar a acção lubrificante, que as castanhas exercem nas atonias intestinaes provenientes de vida sedentaria.

E' com satisfação que, ao terminar estas ligeiras apreciações, registro o esforço que ora emprehende o Estado do Pará procurando augmentar a sua exportação de castanhas. E' assim que está incumbido pelo Governo daquelle Estado para fazer a propáganda da "noz do Brasil" nos Estados do Sul do Paiz e nas Republicas do Prata, o Sr. Ascendido Monteiro Nunes. Os magnificos resultados dessa salutar orientação, estou certo, não se farão esperar, abrindo-se assim novos mercados á deliciosa amendoa brasileira, tão pouco conhecida dos nossos proprios patricios.

# HORTULANIA

Rua da Assembléa, 79 - Telephone 2-0576

Sementes, ferramentas para jardinagem, arvores fructiferas, adubos chimicos, gaiolas. Ovos e aves de raça. Trabalhos em flores naturaes.

Grande chacara de culturas a RUA SENADOR NABUCO, 38 - Villa Izabel

# A Padronização Agrícola e o Expurgo

A. F. MAGARINO TORRES

A actuação da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, pugnando pela padronização dos nossos productos vegetaes, representa — na hora presente, em que todas as forças propulsoras do paiz são chamadas a contribuir para o soerguimento de suas finanças e economia — uma das mais felizes e opportunas iniciativas.

Sem coordenação de esforços e perfeita arregimentação de nossas fontes de produção, as quaes repou-sam, irretorquivelmente, na agricultura, não será possível o almejado desenvolvimento de nosso commercio de exportação. Infelizmente, somos levados a reconhecer que com raras excepções, não ha homogeneidade na produção brasileira, pois, até hoje, a nossa industria agricola não dispõe de verdadeiros typos, perfeitos e fixos, com que possa concorrer aos mercados externos, attendendo suas exigencias e concorrendo com os similares estrangeiros.

E' flagrante a heterogeneidade de nossos productos vegetaes, isso se observando em todos os centros agricolas e em todos os Estados.

O proprio café, que sabemos constituir o elemtnao principal do nosso edificio economico, para o qual contribue com 75% e ás vezes mais, não está ainda devidamente padronizado.

E' recente a lei que estabelece a obrigatoriedade da exportação de cafés finos, (Dep. 24.541, de 3-7-1934), cuja execução, em face do decreto n° 36, de 30-8-1934, terá inicio em principios do futuro exercicio.

Acompanhando o movimento patriotico e bem conduzido pela Sociedade, no sentido de ser organizada a produção agricola, ocorreu-nos trazer-lhe nossa pequena ajuda á edificação dessa grandiosa obra, lembrando-lhe um factor, á nosso vêr, valiosissimo e complementar á padronização, qual seja o EXPURGO.

Desnecessario ser-me-á desenvolver longas considerações a respeito, visto que todos estão perfeitamente ao par da sua utilidade. Todavia, focaliza-lo-ei, rapidamente, realçando o valimento poderoso da fumigação, como medida de vigilancia, sanitaria vegetal e como medida de alta relevancia á defesa da produção agricola.

A acção devastadora dos insectos, dia a dia vae trazendo apprehensões aos governos de todos os paizes agricolas, sendo innumeradas as especies desses minusculos animaes, cada qual com habitos diferentes, que causam á agricultura, industria e commercio, prejuizos que ascendem a proporções inacreditaveis. Nos Estados Unidos, onde existem estatisticas agricolas, admittem os Drs. J. A. Hyslop, entomologista do Bureau of Entomology e Lee A. Strong, chefe do Bureau of Plant Quaranti-

ne, baseados em estudos realizados e dados colhidos, que os prejuizos soffridos pela agricultura, ascendem, respectivamente, a 2 e 3 bilhões de dollars, cuja equivalencia na nossa moeda representa 20 e 30 milhões de contos de reis.

Já na Inglaterra, são calculados em 10% os danos pelos mesmos causados, annualmente.

Dão-se no Brasil, certamente, factos semelhantes, soffrendo os nossos agricultores e negociantes perdas avultadas em consequencia do ataque de doenças que infectam as suas colheitas.

Haja vista o que ocorre, entre nós, com os cereaes e grãos leguminosos, cultivados, aliás, em todos os Estados e que constituem o factor do mais largo commercio no paiz, que são fortemente damnificados, seja na lavoura, seja nos celleiros, de cujos prejuizos nenhuma estatistica ha sido feita.

Quanto aos insectos que os atacam nos celleiros e armazens, observam-se os seguintes:

## CEREAES

### Coleopteros

Sintodrepa panicea (L.)  
Gnathocerus cornutus (Fabr.)  
Tribolium ferrugineum (Fabr.)  
Zophobas morio (Fabr.)  
Araeocerus fasciculatus (De Geer)  
Silvanus surinamensis (L.)  
Sitophilus oryzae (L.)  
Sitophilus granarius (L.)  
Tenebrioides mauritanicus (L.)

### Lepidopteros

Corcyra cephalonica Stainton  
Ephestia  
Sitotroga cerealella (Oliv.)  
Tinea granella (L.)  
Pyralis farinalis (L.)  
Plodia interpunctella (Hb.)

## GRÃOS LEGUMINOSOS

### Coleopteros

Bruchus obsoletus Say  
Bruchus pisorum L.  
Bruchus rufimanus Boh.  
Pseudopachymerus brasiliensis (Thunberg)  
Araeocerus fasciculatus (De Geer)

Leptidopteros

Etiella zinckenella (Treitschke)

E' a desinfeccão, por meio do expurgo ou fumigação, denominação esta adoptada pelos americanos, medida de real utilidade á agricultura, industria e commercio. Essa operação é indispensavel á padronização de nossos productos vegetaes, permittindo guardal-os por longos mezes, e assim esperar sua valorização e distribuição, como facilitando o seu transporte aos mais distantes mercados consumidores.

Tem tambem papel de grande importancia, a fumigação, nas permütas internacionaes de vegetaes. Varios paizes limitam-se a exigir o certificado de expurgo, como condição á importação de vegetaes e productos vegetaes, sendo que outros estabelecem esse tratamento nos proprios portos de entrada, que são limitados, para que possam dispôr do aparelhamento necessario á desinfeccão.

Para o tratamento de plantas vivas, sementes, batatas, castanhas, fumo, cacau, fructos seccos, etc., são usadas substancias chemicas, na forma gazosa, tendo emprego generalizado o bisulphureto de carbono e gaz cyanhydrico, e em condições limitadas o formaldehydo, chloropicrina, tetrachloreto de carbono, paradichlorobenzeno, acido carbonico, oxido de ethileno, etc..

De todos, o bisulphureto de carbono, é o que tem emprego corrente e a sua applicação é, de certo modo, facil e pratica, proporcionando resultados efficientes.

Quanto ao emprego da fumigação, haja vista o que ocorre na America do Norte — cujo uso está hoje difundido. Basta citar, que o BUREAU OF PLANT QUARENTINE mantem 23 inspectores para a fiscalização permanente de estações de desinfeccão localisadas sómente em New York, visto serem empresas particulares que se incumbem desse serviço, ainda mais desenvolvido no Estado da California.

As estações de desinfeccão desempenham funcção de alta relevancia, diante da dupla finalidade que offerecem, a saber :

- a) executando o tratamento dos vegetaes e seus productos destinados ao commercio internõ ou de exportação; dilatando no 1º caso a sua conservação e no 2º garantindo as boas condições sanitarias dos mesmos até os mercados a que se destinam;
- b) servindo de medida complementar á defesa sanitaria vegetal, com a fumigação das partidas de plantas vivas e suas partes vivas importadas, visto que os exames realizados á chegada, nem sempre podem ser perfectos, mórmente tratando-se de remessas vultosas.

Fõram ainda os Estados Unidos que tiveram a primasia na construcção de camaras de ferro-autoclaves, para a desinfeccão por meio do vacuo parcial. O seu serviço, BUREAU OF PLANT QUARENTINE, exige,

obrigatoriamente, a fumigação dos vegetaes importados, dahi dispôr de installações adequadas nos portos de New York, Oakland, Boston Newark, Seattle, Ventura.

Esse formidavel exemplo vae se alastrando, sendo que exigiram tambem a desinfeccão prévia, as colonias — Hawaii, nos portos do Honolulu, Hilo e Kahului; Ceylão, no de Colombo; Algeria, nos de Oran, Alger, Bone, Philippeville...

No Brasil, graças á acção do Ministerio da Agricultura e d'alguns annos a esta parte, vem se esboçando em varias unidades da federação, certo interesse pelo expurgo, em particular, para o de cereaes e grãos leguminosos.

O fumigante até ha pouco usado era o bisulphureto de carbono, sendo que o gaz cyanhydrico começa a ser experimentado. Diante dos resultados conseguidos na Estação de Desinfeccão de Plantas e Productos Agricolas, animou-se o Instituto de Cacau da Bahia a fazer a montagem de grandes autoclaves nos armazens de sua propriedade em São Salvador, adquiridos na Allemanha, com o fim de tratar toda a safra de cacau de seus cooperados e destinada á exportação.

A Estação de Desinfeccão, pertencente ao Ministerio da Agricultura e localisada á rua do Equador, 130, nesta Capital Federal, é a que possui, até este momento, melhores installações.

Acha-se este momento, incorporada ao S.D.S.V., sendo que nos annos de 1931/1932 esteve subordinada ao S.I.F. Agricolas e antes constituia uma repartição autonoma, que era a Superintendencia do Expurgo e Beneficiamento de Cereaes.

Embora não seja uma organização modelar, dispõe d'algumas boas camaras, inclusive um optimo autoclave de ferro, importado da America do Norte, cuja capacidade é de 46 mts.<sup>3</sup>, dando margem a expurgar 650 saccos de 60 ks.

Posso dar a agradavel noticia á SOCIEDADE de estarem se processando varias reformas nessa ESTACÃO, cujas obras vêm de ser iniciadas. Pelo projecto approved, ficará a Estação habilitada a executar a fumigação, isto é, a desinfeccão por meio de insecticidas gazozos e a fazer a desinfeccão, duas dórnas de madeira, munidas de aquecimento por meio de serpentinas. E, no proximo exercicio — (1934) alimenta o SERVIÇO DE DEFESA SANITARIA VEGETAL a esperança de poder ampliar e melhorar a capacidade dessa Estação, seja com a aquisição de novas camaras de ferro, seja com a introduccão de esteiras e elevadores de saccos. O transporte mechanico da mercadoria é uma das suas necessidades imperiosas, pois só assim será possível o desenvolvimento de seus trabalhos, permittindo um melhor aproveitamento das camaras a vacuo, como protegendo os seus operarios do estafante e primitivo transporte manual de saccos, durante todo o dia.

A Estação até 1933 occupava 6 coxias ou armazens de 10 x 50 mts., ou seja uma area de 3.000 mts.<sup>2</sup>. No attinente aos seus trabalhos, continuam, a

partir de 1931, a se desenvolver, sendo expressivos os dados apresentados a seguir, referentes ao quinquenio 1929-1933 e aos nove mezes do exercicio em curso.

#### MOVIMENTO DE MERCADORIAS FUMIGADAS:

Anno 1929	—	23.736	volumes	
" 1930	—	37.729	"	
" 1931	—	63.065	"	
" 1932	—	130.848	"	
" 1933	—	192.201	"	
" 1934	—	142.505	"	(9 mezes)

#### RENDA ARRECADADA:

Anno 1929	—	17:558\$480
" 1930	—	26:461\$600
" 1931	—	60:692\$605
" 1932	—	101:422\$335
" 1933	—	198:413\$080
" 1934	—	158:367\$375 (9 mezes)
Total geral		— 562:915\$475

Agora que se processa, sob a iniciativa clarividente da SOCIEDADE um movimento opportuno e feliz, no sentido da standardização dos nossos productos vegetaes, se apresenta, igualmente, trabalho proveitoso e de proporções gigantescas — a exigencia do expurgo — como condição e medida fundamental á perfeita conservação dos mesmos.

Não se limita a iniciativa do Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal á adaptação conveniente da Estação de Desinfecção desta Capital Federal, pois, tambem se acha empenhado em incentivar a installação de serviços analogos em todo o Brasil. Ha felizmente, franco e promissor interesse na criação e desenvolvimento de empresas dessa natureza nos Estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Geraes, São Paulo, Paraná, San-Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Geraes, São Paulo, ta Catharina e Rio Grande do Sul.

Essas iniciativas gozam hoje do amparo e facilidades da lei vigente.

Apezar do decreto n.º 21. 801, de 6 de Setembro de 1932 proporcionar facilidades e admittir a criação e exploração de estações e portos de desinfecção no territorio nacional, por parte de todos os governos — federal, estadual ou municipal, como por empresas e sociedades particulares, não logrou, no emtanto, ser regulamentado.

Taes facilidades e concessões figuram, agora, no Regulamento de Defesa Sanitaria Vegetal, approvedo pelo decreto n.º 24.114, de 12 de Abril de 1934 (Pub. no Diario Official de 4 de Maio de 1934), que estabelece, no artigo 79, o registro e fiscalização das estações ou portos de desinfecção, os quaes podem ser:

- estabelecimentos federaes, directamente subordinados ao Ministerio da Agricultura;
- estabelecimentos estaduaes ou municipaes, funccionando por concessão ou, em casos especiaes, por delegação temporaria do Governo Federal;
- estabelecimentos funccionando por concessão do Ministerio da Agricultura a empresas de estradas de ferro, de exploração de portos, syndicatos, cooperativas, sociedades agricolas, associações commerciaes ou empresas particulares, que se proponham a fundar e manter estações ou postos de desinfecção ou expurgo, de accordo com este regulamento.

A estes estabelecimentos é facultada a concessão do certificado de expurgo, mediante o qual será permittida a exportação de cereaes, grãos leguminosos e sementes de algodão, cuja obrigatoriedade será effectiva, á medida que se fõrem aparelhando os portos do paiz.

Presumo, tendo em vista as garantias e possibilidades proporcionadas no Regulamento acima referido, que a criação de estações ou postos de expurgo, em particular, nos portos e centros agricolas e commerciaes no paiz, tenha, dentro de curto prazo, um surprehendente desenvolvimento, sendo um indice certo desse prognostico, o grande numero de interessados, que procuram o Serviço.

Servem, poderosamente, de incentivo e exemplo, os resultados praticos proclamados por toda praça do Rio de Janeiro, quanto ao expurgo de cereaes e grãos leguminosos.

**SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PÓ**  
**USEM SÓ**

**"Morte às Formigas"**

"Marca Registrada"

**50 PÉIS** é o custo maximo de cada litro do melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca "Morte às Formigas", dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infallivel na extinção de formigueiros.  
**FABRICANTES CHIMICOS**

**DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro**

Depositarios em S. Paulo: **Comp. Ind. e Mercantil "CASA FRACALANZA" Rua Piratininga, 96**

Vende-se em toda parte - Exigir sempre a marca "MORTE ÀS FORMIGAS" - Uma lata pelo Correio..... 6\$

O interesse do commercio desta Capital pela fumigação de seus generos, constitue uma demonstração evidente da sua utilidade, resaltando a circumstancia de ser uma operação toda facultativa.

A medida ora alvitrada à Sociedade Nacional de Agricultura, para que seja incluída dentre as disposições do projecto apresentado ao Conselho Federal de Commercio Exterior, creando a padrozinagem dos productos brasileiros, não encontrará, certamente objecção por parte da classe agricola-commercial, considerando as suas innumeradas vantagens e finalmente, o facto de já ser obrigatorio o expurgo para a exportação de cereaes, grãos leguminosos e sementes de algodão, isso, quando nos portos de embarque existam estações adequadas para sua realização.

Essa exigencia já figura no artigo 77 do Regulamento supra mencionado e, reforça-se será contribuir para a diffusão da fumigação, no paiz. Essa é uma das funções do S.D.S.V. e a sua acção vai pouco a pouco se extendendo aos Estados e se avolumando de modo promissor.

Ainda, antes de terminar, lembro duas outras providencias de alta relevancia para a intensificação e garantia do nosso commercio exterior, e para as quaes é tambem reclamada a attenção do Conselho Federal do Commercio Exterior, uma — se prende ao expurgo dos porões dos navios que transportam cereaes, grãos leguminosos, etc., por constituirem focos permanentes de gorgulhos, microlepidopteros, etc., e outra — consiste na revogação do exdrusculo e oneroso CERTIFICADO DE QUALIDADE, creado pelo decreto n.º 12.982, de 24-4-1918 e modificado pelo de n.º 16.739, de 31-12-1934.

E' esse certificado fonte de injustificavel renda às Associações Commerciaes e Camaras de Commercio, quando ao Ministerio da Agricultura compete fornecel-o já por ser o departamento nacional incumbido de orientar e superintender a nossa produção agricola, já por

dispôr de numeroso corpo de agronomos em todos os Estados, em condições de fornecel-o gratuita e tecnicamente.

Acolhendo a Soc. Nac. de Agricultura as suggestões expressas nessas linhas, cooperará para a mais larga utilização da fumigação no Brasil e estará defendendo os lidimos interesses dos maiores e mais desprotegidos obreiros do paiz — os agricultores e consequentemente o nosso maior patrimonio — que reside na industria agricola.



## CURSOS RAPIDOS DE HORTICULTURA

Com a presença dos Srs. Arthur Torres Filho, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; Arruda Camara, 1º Secretario da Sociedade e Director do Horto Fruticola da Penha; Manoel Paulino Calvacanti, Vicente Carino, representante do Syndicato de Lavradores do Districto Federal; Manoel José de Oliveira, representante do Consorcio de Protecção aos Lavradores; João Nunes, pelo Syndicato dos Citricultores de Campo Grande e Adriano Dantas, representante da Federação Agricola do Districto Federal, realizou-se sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, na S.N.A., uma reunião em que se tratou do estabelecimento de CURSOS RAPIDOS de horticultura, fruticultura, etc., destinados aos pequenos lavradores do Districto Federal, no Horto Fruticola da Penha, onde fundará a Sociedade Nacional de Agricultura, no proximo anno, a Escola de Horticultura Wenceslau Bello. Ficou resolvido o inicio desses cursos no proximo mez de Dezembro, devendo as primeiras aulas ser ministradas aos domingos e, bem assim, que a Sociedade Nacional de Agricultura fornecerá, para larga distribuição, os programams com a necessaria antecedencia, bem como conducção de Cascadura à Penha, aos interessados.

# ALVES FRAGA & CIA

FABRICANTES DE VASILHAMES PARA CONDUÇÃO DE LEITE

Especialistas em artigos para Lavoura, Criação e Lactínicos. - Desnatadeiras, Salgadeiras, Batedeiras, Coalhos, Correias, Grampos, Oleos, Carrapaticidas. Vaccinas e soros para tratamento dos animaes.

RUA FREI CANECA, 72 e 87

Telephone 2-9458

RIO DE JANEIRO

C. Postal 832

# O Cacau Brasileiro é o Melhor do Mundo

## É ESTÁ PERDENDO NA CONCURRENCIA COM OS PAIZES PRODUCTORES DO MAIS ORDINARIO CACAU DO MUNDO

*O parecer da Commissão designada pela Sociedade Nacional de Agricultura para estudar a padronização desse producto.*

A producção do cacau, no Brasil, tem augmentado apenas duas mil toneladas, approximadamente, por anno. a despeito das possibilidades dessa lavoura, que se pôde extender, em varias regiões, desde o norte do Espirito Santo, até o Pará e Amazonas, onde, segundo a opinião de industriaes europeus, floresce o melhor cacau do mundo.

As leis fiscaes extorsivas, a falta de credito agricola e de transporte facil e barato, e, finalmente, a falta de ensino agricola, constituiram sempre obstaculo decisivo aos elevados surtos economicos dessa lavoura.

Emquanto as colonias inglesas da Africa, Occidental nos afastam do primeiro posto no tocante ao volume de producção, e as colonias francezas da Costa do Marfim disputam galhardamente o segundo lugar, que a custo estamos mantendo, e que fatalmente teremos de perder o cacau brasileiro continua a perder terreno, pelo mau preparo, aos nossos atilados concurrentes, os quaes já sabem apresentar esse producto nos mercados consumidores subordinado aos cuidados de impeccavel beneficiamento e classificação.

*Quadro que demonstra a depreciação do cacau brasileiro, desde 1931, superado pelo productor do mais ordinario cacau do mundo, a Colonia Africana da Costa do Ouro, que melhorou a sua producção, deixando-nos nesse infimo lugar:*

### FRANCOS OURO POR 70 KILOS

Anos	Trindade	C. Duro	Brasil
1928	189,89	162,58	177,11
1929	152,66	120,39	122,84
1931	155,14	94,32	75,70
1932	79,90	48,12	46,28
1933	61,86	44,91	39,02

Entre nós, entretanto, é problema ainda aberto esse aspecto da exportação nacional, cujos productos vão aos centros consumidores, inferiormente, aviltando e descreditando a sua procedencia.

Realmente, a situação actual do cacau brasileiro nos mercados consumidores é a mesma que mantinhamos ha annos passados. Bem pouco progresso se fez sentir neste particular.

A colheita é ainda praticada, em todas as fazendas de cacau, com muito pouco cuidado technico. Colhem-se os fructos maduros, ou devezes, e, não raro os ainda verdes!

As sementes desses fructos, de valores heterogeneos sob o ponto de vista industrial, são misturados e levados aos côchos de fermentação, ou ficam no interior das plantações, sob folhas de bananeiras, sem nenhum cuidado, até serem postas ao sol para a seccagem necessaria.

As reacções bio-chimicas decisivas da qualidade intrinseca do cacau se processariam defeituosamente, ainda mesmo que taes sementes fossem levadas ás estufas de fermentação de cacau.

Na Bahia não existem ainda taes estufas.

As sementes ciolétas, que denunciam o cacau não fermentado e as amendoas ennegrecidas do cacau verde são encontradas em quantidade excessiva no cacau "Superior Bahia".

Essas sementes devem ser eliminadas pelos bons industriaes por serem nocivas ao organismo humano.

Na Allemanha construíram-se estufas para fermentação complementar do cacau brasileiro e cacau de Costa do Ouro.

A Bolsa de Mercadorias da Bahia estabeleceu a seguinte classificação de typos de cacau, ora vigente!

*Bahia Good-fair: cacau bem fermentado, sem exigencia uniforme, podendo conter até 2% de defeitos, até 3% de commum (não triado) e bagos violaceos conforme o typo da estação.*

Por consequencia, a melhor qualidade pôde ter defeitos, não ser bem triado e nem todo bem fermentado.

*Bahia Bood-fair: cacau bem fermentado, sem exigencia de côr externa uniforme, podendo conter até 8% de defeitos, inclusive 1% de bicho, até 5% de commum e bagos violaceos conforme o typo da estação.*

*Bahia regular: cacau fermentado, sem cheiro nem gosto a fumaça, podendo conter até 13% de defeitos, inclusive 3% de bicho, até 25% de commum, e bagos violaceos conforme o typo de estação.*

Neste regular, que é a infima qualidade da classificação, observar-se-á: má fermentação, má triagem, os 13% de defeitos, inclusive 3% de bicho.

A conclusão é que não é natural esperar na Bahia bom cacau pois que o superior, *goods* e regular carecem de aperfeiçoamento.

Mas os intermediarios, com indiferença dos productores empregam-se no mistér das baldeações, das mis-

turas que accaretam prejuizo para o cacau brasileiro, o que é consequencia prevista, adquirindo esse cacau misturado a preço vil, com que pagam o bom cacau.

Ao intermediario não convem a educação do productor, os meios idoneos de fazer o bom cacau, as menores taxas fiscaes preliminares desse bom cacau, por-nores taxas fiscaes preminares desse bom cacau, porque seu fito é depreciar op roducto para um perço reduzido com o qual pagará o que apparecer, servindo para melhorar o rebutalho que vae encarecer, muito alem do que pagou.

Além disso, vale considerar que a cifra de um milhão e quantos mil saccos de cacau que exportamos annualmente, ficaria reduzida de mais de 150.000 saccos se fossem eliminadas as impurezas que acompanham todo esse cacau.

Felizmente o Instituto de Cacau, de criação recente, está para solucionar todos os problemas da lavoura cacauera, entretanto, a boa apresentação do cacau nos mercados europeus e americanos, posto que urgentissima, constitue ainda uma simples esperanza. A educação technica do productor, que é primordial ficou para o fim!

Assim, a Sociedade Nacional de Agricultura, adstricta ás razões de seu elevado patriotico programma, deve recommendar:

a) — que sejam aparelhadas as grandes fazendas

e os nucleos de pequenas fazendas de cacau de estufas de fermentação, estufas de seccagem, bem como de triadores e burnidores de cacau;

b) — que a colheita se faça apenas dos fructos maduros, cujas sementes devem ser levadas, immediatamente, ás estufas de fermentação sob cuidados technicos indispensaveis ao bom producto;

c) — que depois de secco o cacau em estufas idoneas, faça-se em seguida a triagem e o respectivo burnimento;

d) — que se faça um appello aos poderes competentes no sentido de regulamentar a industria chocolatera, entre nós, como medida necessaria a impedir as mistificações que concorrem para desmoralizar o consumo do chocolate e de seus derivados, os quaes, não raro, são prejudiciaes ao organismo humano, especialmente infantil;

e) — que, tendo em vista eliminar ou diminuir as explorações commerciaes que sobremodo infelicitam a economia do productor contrariando abusivamente a lei de offerta e procura, se indague do Instituto de Cacau da Bahia, da conveniencia de se mandar aos mercados europeus e americanos um dos membros de sua Directoria para fazer alli um novo inquerito commercial, afim de se inteirar da necessidade de prestigiar, com o nosso apoio, o Bureau Internacional do Cacau em Londres, cuja finalidade é desnecessario encarecer.

# PARA FRIGORIFICOS OU LACTICINIOS ALUGA-SE UMA LOJA POR CONTRACTO

Tendo mais ou menos 350 m<sup>2</sup> e achando-se já montada com os seguintes machanismos:

- 1 CAMARA FRIGORIFICA com ante camara, tendo a camara 4 serpentinas e a ante camara 2 ditas, medindo 480x2,40x3,50 de alto a camara e 1,40x1,35 a ante camara.
- 1 MACHINA YORK de 4"x4" de 16.000 frigorias, com 1 motor de 10 HP com os respectivos condensadores, devidamente conjugado num tanque de 4,00x1,60 medidas internas, com os respectivos mexedores com motor de 2 HP em optimo estado de conservação e funcionamento.
- 1 BATERIA HORIZONTAL conjugada com motor de 5HP e ligada ao tanque de 16.000 frigorias: é de metal branco e bronze, para uma produção de 70 litros por vez.
- 1 bomba centrifuga para agua, com 1 motor de 1HP
- 1 pasteurizador vertical para leite
- 1 dito horizontal, redondo feito serpentina
- Installação completa para abastecimento de agua
- Installação completa de força
- 1 camara para gelo

Os tanques e machinas foram montados em fins de 1932

||| Aceitam-se tambem Propostas para a compra dos Machanismos acima discriminados |||

Ver e tratar á Rua Benedicto Ottoni, 54 - Rio - com o Snr. Bernardino Vianna

# O Cooperativismo no Mundo, no Brasil e em São Paulo.

*Trecho (inédito) do livro sob o título acima, do illustre Dr. Luiz Amaral. Director do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, de São Paulo.*

Quando devo pensar em cooperativismo de lacticínios, não me vem inicialmente á memoria aquella nomenclatura cheia de tropicões, das entidades dinamarquezas e suíças; nem as tiradas complexas do técnico italiano que recentemente esteve em São Paulo. Lembro-me apenas de uma visita do imperador dom Pedro II a cidadezinha mineira.

Os edis haviam conseguido edificar, no meio da praça principal, um chafariz "digno de todos os tempos", como em Minas se classificam as obras publicas a inaugurar-se. De resto, a cousa deve ter ficado boa mesmo, pois os homens até convidaram o monarcha a presidir a inauguração. E o monarcha foi.

Estudou-se longamente o programma de festas, com a collaboração de todos os maioraes. Porém, os numeros mais interessantes não foram suggeridos por elles, homens rudos e excessivamente economicos. Sairam da caixa da mulher do presidente da Comarca. O mais original de todos: na noite precedente á manhã inaugurativa, cada habitante da pequena urbe derramaria no reservatorio do chafariz uma garrafa de leite. Assim, depois do discurso do presidente da Camara, do discurso do professor e do vigario, e da poesia que moça bonita ia recitar, quando Sua Magestade torcesse inauguralmente a torneira, quão deleitosa não seria sua surpresa...

Chegou o sr. dom Pedro, com o imperial sequito. Depois de noite repousante, depois de missa regularmente cantada, o grande cortejo encaminhou-se ao chafariz, sumido sob arcos de bambús e flores silvestres. A intenção symbolica, emprestada á grande idéa da rotunda senhora, emocionava os circumstantes: quando, abrindo o monarcha a torneira, em vez da agua que elle esperava, jorrasse leite, o doutor promotor publico lhe aggravaria em retumbante discurso, que aquillo era a imagem da uberdade do municipio!

Rompeu-se a fitinha. O proprio presidente da Camara passou uma camurça na torneira reluzente, para que nem mesmo o rocio da madrugada receivesse as mãos limpas do Imperador. O jorro seria violento, pois a pressão deveria ser grande: a noite toda, as ruas da cidade tinham estado em reboliço nunca visto; ora intenso o vae-vem dos municipes conduzindo garrafas. De todos os habitantes, nenhum faltára. Temueu-se a systematica opposição do barbeiro, e o temor crescerá ante o facto de não ter elle apparecido até ás tres da manhã. Mas, mesmo o barbeiro compareceu. O motivo da demora foi de origem meramente familiar, e não transpirou. Dona Ritinha, sua mulher, se oppuzera enazmente ao desperdicio de uma garrafa de leite. O menino estava doente e ella não ia amamental-o depois de o haver desmamado a mez e meio. Como sempre, o marido saiu perdendo, depois de horas de acalorado bate-boca. Vencera-o este argumento de dona Ritinha: e todo mundo vae botar leite, que differença faz uma garrafa d'agua?

Sua Magestade abriu a torneira. E fica optimamente impressionado. Ficou optimamente impressionado Sua

Magestade; nem poderia ter sido de outro modo. Pois era bem tratada, era cristalina a agua, que jorrou... Agua cristalina. A formula H<sub>2</sub>O fóra chimicamente obediada.

O "dobrado", que a banda executou a seguir, abafou o murmuro, erguido da multidão circumstante. Ninguem sabia compreender. Evocou-se o milagre das Bodas de Caná, repetido ás avessas.

Não tinha havido milagre algum. Apenas, todo mundo raciocinára dona Ritinha, e agira como o barbeiro seu marido.

No caso do leite, o cooperativismo actúa de duas maneiras. Nma, diz respeito ao commercio, ou melhor, ao consumidor. Outra, é quanto á producção, ou quanto ao productor. Ambas demonstram, conjunctamente, que a questão do leite é tão só isso: o intermediario.

Nesse commercio, até hoje todo mundo raciocina como a dona Ritinha. Meia duzia de capitalistas installa ahi um entreposto, visando simplesmente ganhar dinheiro. Manda compradores para o Interior, a conseguirem contractos de fornecimento. Começa a chegar leite. Dez mil litros por dia; vinte mil; trinta mil. Todos os socios firmes nos melhores propositos de muita seriedade; nada de fazer como "os outros". Certa madrugada, porém, surge o primeiro contratempo de monta: houve um desastre ferroviario; interrompido o trafego, vae ser impossivel chegar um dos trens pelo qual a uzina recebe certa partida de leite. E agora? Como vamos servir os freguezes? Como evitar a contrariedade dos que não puderem ser abastecidos?

O problema é meio grave. Parecia mesmo insolavel, até quando, timidamente, um primo espirital de dona Ritinha arrisca esta opinião:

— Ora, aquelle trem só trazia mil litros... Aqui já estão vinte e nove mil. Vocês pensam que alguém vae reparar, se puzermos agua? Antes isso do que deixar uma porção de guryrs berrando com fome...

No dia seguinte, o primo de dona Ritinha chega triumphal:

— Alguem notou? notou nada! A mesma cousa...

Já que é assim, instaura-se de uma vez, na uzina, o uso do baptismo, como cousa christamente obrigatoria. Discute-se até, hoje se alma de pagão entra no ceu. Entretanto, já está desde muito tempo acertado, indiscutivelmente, que, sem baptismo, não são leite das uzinas. Sejamos humanos, e pensemos razoavelmente:

O unico programma do capitalismo é este: ganhar. Um autor accrescenta-lhe este appendice: o mais possivel. Dominado por esse espirito, qual é o dono de uzina que deixa de raciocinar como a dona Ritinha? Quem é que vae dar pela cousa? Estejamos bem certos disso. E disso também: nas uzinas, o leite é systematicamente adulterado. As vaccas não são as unicas fornecedoras disso que se vende nos grandes centros consumidores, para as creanças e os enfermos se alimentarem. Chegam mesmo a ser dispensaveis, mantendo-se apenas algumas, só para assumir a responsabilidade.

Certo, essa desmoralisação do producto provoca a diminuição do consumo. Os paulistas não bebem a quarta

parte do leite consumido em cidades estrangeiras de igual categoria. Parecerá, pois, que a adulteração é prejudicial aos proprios industriaes do leite e, portanto, não lhes interessa. Porém, a realidade é outra. Se, vendendo, digamos, vinte mil litros de "leite", uma uzina tem o mesmo lucro que teria se vendesse trinta mil ou quarenta mil litros de leite, para que tirar as aspas, se o trabalho vai ser muito maior? Argumentemos assim: se o Entrepasto X fornecesse leite puro à clientela, esta consumiria 24 mil litros por dia, pois as pessoas que já tomam leite o tomariam em maior quantidade se elle fosse gostoso, appetitoso; e voltariam a tomal-o muitas pessoas que, escarmentadas pela mistura commumente apresentada como tal, pensam que não gostam de leite. Como, porém, é falsificado o seu producto, o mesmo Entrepasto X só vende 20 mil litros diarios. Prejudicou-se, portanto, nos lucros correspondentes a 4 mil litros diariamente.

Não se prejudicou. Vamos ver.

Nos ultimos annos, os entrepostos mantiveram o habito de pagar ao productor na razão de \$350 o litro. Para a media do preço de venda ao consumidor, consideremos o preço de \$1000. Temos, pois, que, se vendesse leite puro e pudesse, assim, conservar freguezia para 24 mil litros, que venderia por 24.000\$000, ficando com a margem de 15.600\$000, que poderíamos chamar lucro bruto. Como, porém, falsifica o artigo, só consegue manter freguezia para 20 mil litros. Assim, vende 20.000\$000 por dia. E quanto compra? Evidentemente, não compra 20 mil litros. Uns 15 mil, que lhe custam 5.250\$000, ficando com a margem de 14.750\$000, ou seja apenas 850\$000 a menos do que no primeiro caso. Ora, considerando-se que a agua, a manteiga estragada e os ingredientes utilizados na falsificação não requerem despezas de pasteurisação, não soffrem quebras por azedume ou coagulação, etc., concluiremos que desaparece a differença de 850\$000 e que, vendendo 20 mil litros de leite falsificado, o Entrepasto X desembolsa muito menos e embolsa tanto quanto vendendo 24 mil litros de leite, puro, sem aspas. Logo, a diminuição do consumo não lhe prejudica, absolutamente.

Este, o primeiro prejuizo que elle causa ao productor, pela diminuição das possibilidades de seus productos. A pecuaria poderia estar incomparavelmente mais adeantada, se não soffesse a deslavada concorrência das torneiras e dos proprios refugos da industria de lacticinios. Pelo menos quanto a São Paulo, não se pôde dizer seja a pobreza, a falta de recursos a causa da abstenção do leite. Quem gosta de leite, não bebe leite aqui.

Tirando por partes a grande conclusão visada — a de que só pelo cooperativismo se resolve o problema do leite nos grandes centros consumidores — podemos dizer que isto se explica pelo facto de ser o leite producto facilmente adulteravel, e de ser certo que os productos facilmente adulteraveis não podem ser commerciaes por intermediarios sem soffrer os efeitos dessa sua contingencia. Leite, ou é vendido pelo productor, ou cae nas mãos da dona Ritinha.

Insistindo, ainda, na parte do problema referente ao consumidor, digamos, com J. Rennes, que este ignora seu interesse na questão do leite. A cupidez do intermediario ainda se comprehende, diz o professor Porchet; "mas, o que não se pôde comprehender, é o descuido do consumidor, cuja facilidade em se deixar enganar — já que não ignora, de modo algum, a má qualidade da mercadoria que se lhe offerece — não passa de encorajamento ao commerciante, para continuar suas manobras,

muitas vezes fraudulentas, muitas vezes prejudiciaes à saúde. A responsabilidade dos poderes publicos na venda e commercio do leite é grande, não discórdio; porém, cumpre ao consumidor auxiliar-se a si mesmo em primeiro lugar, e quando for melhor instruido sobre suas exigencias e mais energico nas suas reclamações, é que chegará a influir na industria leiteira em geral, o que induzirá esta a modificar seus methodos, seus processos de trabalho, de conservaço e de entrega."

E' universal essa tendencia à defraudação do leite, ou digamos — para continuar a applicação "del cuento" — essa mentalidade da dona Ritinha. Na França, o presidente de uma Liga do Leite apurou, em certa época, que o producto entregue nas casas era exactamente metade leite e metade agua. Entretanto, a qualidade do leite devia constituir a preocupação numero um das mães de familia. "Em 50 a 70 por 100 das creanças que succumbem em consequencia de molestias intestinaes — diz o doutor Hastings, de Toronto — poder-se-ia indicar, no attestado de obito, que foram envenenadas pelo leite. Não ha uma necropole, um cemiterio em meu paiz e provavelmente em qualquer outro, que não esteja semeado de sepulturas, de tumulos e de monumentos a indicarem os restos de seres cujas vidas foram sacrificadas à impureza do leite".

Isto impressiona as mães. Devo, porém, declarar que tenho confessadamente a intenção de impressionar-as, afim de, por este meio, conseguir seu valioso auxilio à solução do premente problema do leite. Insisto, pois, no depoimento do doutor Hasting:

"Ha annos, visitando sua terra natal o fallecido Sir William Osler, professor da Universidade de Oxford, encontrou uma de suas antigas companheiras de escola. A roupa della indicava que perdêra recentemente um membro da familia. Sir William perguntou-lhe se era casada, e ella respondeu que sim.

— Quantos filhos tem?

— Tive sete, dos quaes morreram cinco.

Sir William inquiriu, naturalmente, sobre a causa da morte delles, e obteve como resposta:

— Cholera infantiy, diarrhêa estival, etc.

Contudo, proseguiu ella, consolei-me, ao pensar que foi a vontade da Providencia que m'os arrebatou.

Após alguns instantes de silencio,, Sir William disse-lhe, com sua habitual franqueza, chamando-a pelo prenome:

— Mary, a Providencia nada teve com isso. Seus filhos foram envenenados por leite impuro".

Vejam as mães de familia. Quantas vezes resignam-se ante supposta vontade da Providencia, quando, de facto, o que houve foi descuido permanente. Vejam que, pelo seu desinteresse quanto ao problema do leite, muitas vezes contribuem para a morte dos filhinhos, que acariciam com u'a mão, enquanto com a outra lhes mettem pela bocca o veneno branco ou cinzento, o tal leite com aspas.

Perguntarão, talvez: como podemos agir efficientemente nesse caso? E' simples a resposta. Prestigiemo pela preferencia, o controle do fornecimento de leite pela organisação cooperativa, certas de que não é o productor, mas, sim, o intermediario que defrauda o producto. Ora, o unico meio de eliminar do commercio do leite o intermediario, é organizar cooperativamente esse commercio. Por outro lado, não poderão aguentar-se as cooperativas, forçadas pela sua propria constituição, pelo seu espirito, e pela permanente fiscalisação official, a vender productos genuinos, se pelo mesmo preço, por que ellas offerecem leite puro, as donas de casa acceptarem o leite falsificado dos intermediarios. Dada a preferencia ás organisações cooperativas, mesmo

ahi lhes cumpre, ás donas de casa, exercer constante vigilancia e — em vez de quotidianamente passar pitos inúteis no entregador — reclamar perante as directorias e perante os poderes publicos. E' trabalhoso, dirão. Admitto mais ainda: que seja mesmo muitissimo trabalhoso, enormemente trabalhoso. Mas, pergunto em seguida: a dedicação das mães pelos filhos infantes algum dia já conheceu limites?

Convençam-se de que o cooperativismo de lacticínios resolve o problema. Entre a quantidade de exemplos concretos que illustrariam a exposição technica do assumpto, escolherei o de Bulmer, quanto ao caso de Birmingham. Antes do commercio do leite ser controlado pelas organizações cooperativas, a população pagava annualmente 58.000 dollars pela agua com leite, que lhe era vendida. Depois que tal controle se organisou, o leite puro necessario aos habitantes nunca ultrapassou o custo total de 30.000 dollars, o consumo augmentou de 100% e a presença microbiana reduziu-se á decima parte.

Não é só invectivar os governos e, ao mesmo tempo, ir comprando o primeiro leite que pára na porta, ou decidir sua preferencia pela belleza do carro de entrega. Dysenteria bacillar, typho, cholera e quantas outras molestias tem causa em leite adulterado ou contaminado? Entretanto, o leite é o alimento principal das crianças e dos enfermos.

Paragraphos atrás, em digressão, apontou-se o primeiro modo como a actual organização do commercio leiteiro prejudica o productor: pela diminuição e falta de incremento do consumo. Sem organização cooperativa, o criador não pôde dispensar o intermediario. Excluidos os vaqueiros suburbanos, nenhum productor de leite pôde vir ao centro offerecer o producto. Seu proprio genero de actividade, ou, em palavras mais apropriadas ao nosso meio, a sua condição de vida afasta-o da urbe, situa-o nas cabeceiras, e isola-o mesmo dos outros membros da profissão, porquanto os rebanhos

exigem largueza, onde passem. Nestas condições, é verdadeira caçada em gallinheiro o que fazem os entropostos; mandam ás granjas seus agentes compradores, com offertas gatunas, mas que, não obstante, tem de ser accéptas. Que ha de fazer o dono do rebanho? Criar gatos com tanto leite, já que não lhe é possível vendel-o?

Aliás, vale a pena sublinhar, desde já que, se quanto ao consumo o cooperativismo de lacticínios encerra uma questão social, quanto á produção encerra uma questão económica nitidamente nacional. A pecuaria não pôde ser praticada como sport. E' uma profissão, um meio de vida, que ou dá para viver, ou se abandona, ou passa a constituir occupação subsidiaria apenas. Pois bem: expostas, como o foram, as circumstancias de inteiro desarme que envolvem a condição dos productores, não vale a pena acrescentar que são irrisorios os preços a elles offerecidos pelos intermediarios. Ha annos que não passava de \$350 o preço de compra do leite, vendido ao consumidor a \$1000 e a \$1200. Não é só o roubo contra o productor, que se tem a considerar. E' também, e talvez principalmente, o "on ne passe pas!" gritado á pecuaria nacional, é o estancamento da fonte de riqueza que a pecuaria poderia e deveria dar á economia brasileira. "A profissão de criador — diz J. Rennes — é uma das mais penosas e das mais aleatorias. Se, além disso, ainda a tornamos improductiva, como queremos que subsista?" Mais: "Dizemos que o leite é um producto de primeira necessidade, e temos razão. Mas, como não pagamos o que elle vale, o campezon só o considera como sub-producto de sua actividade, e se desinteressa d'elle". (O "nós" representa, evidentemente, o intermediario, porquanto a elle lhe paga mais do que compensadoramente o consumidor: elle é que faz o preço para o criador.) "Como o productor de qualquer outra coisa, o productor de leite nada deve ser senão em troca de dinheiro, e não produzirá se não for devidamente compensado".

Criador pago miseravelmente, se não quizermos dizer miseravelmente roubado, não pôde progredir, não pôde transformar o seu gado em fonte de produção rendosa. Ser-lhe-á sempre impossivel adoptar melhoramentos, em beneficio proprio e da pecuaria nacional. E esta nunca existirá, pois não tem pecuaria o paiz cujos criadores são meros objectos da exploração dos intermediarios do leite. Todas as leis, que o governo decretar, no sentido de resguardar a saude publica, ou no de melhorar os rebanhos, só terão uma consequencia: acabar de convencer os criadores de que melhor mesmo é mudar de profissão, já que as exigencias augmentam e não diminue a miseria que dessa profissão, lhes advem. Entretanto, não se pôde nem de longe dizer ou pensar que a pecuaria seja profissão inviavel. Basta saber o quanto custa em qualquer paiz europeu um pedacinho de carne, para concluir-se que dos nossos campos geraes e dos valles magnificos de nossos rios poderiam sair fortunas iguaes ás que dá o café, ou maiores. O que cumpre, é solucionar a situação actual — coisa tanto mais facil quanto mais sabido que só pelo cooperativismo se organisam efficientemente as actividades rueraes exercidas em geral por grande quantidade de pequenos agentes. O caso, rigorosamente, do leite. Se não podem vender o seu producto directamente, se querem livrar-se do intermediario, os criadores só tem um recurso: unir-se e constituir organização que seja de todos, que cuide de todos, por todos fiscalizada e com os cargos de administração exercidos pelos que a maioria delles proprios preferir e indicar. E' a sociedade cooperativa. A uzina cooperativa não é de quem a gere: é dos criadores que, enquanto o leite está sendo trabalhado na uzina, e por ella distinguido, estão no campo cuidando da produção do dia seguinte. A administração dá-lhes contas rigorosas. Elles podem fiscalisar a gestão e a escripta. Sendo criadores e não

## CASA FLORA

### Schlick & Nogueira

Rio de Janeiro  
Ouvidor, 61  
Gonç. Dias, 67

•  
TRABALHOS  
MODERNOS EM  
FLORES PARA  
TODOS OS FINS.



PLANTAS - fructíferas e  
ornamentaes.  
SEMENTES - importação directa.  
FERRAMENTAS - INSECTICIDAS  
AJARDINAMENTO.

aguadeiros, e não podendo mudar de officio como o industrial do leite, tratam de não desprestigiar o producto de sua profissão permanente e quasi sempre hereditaria.

O cooperativismo é velho alliado da pecuaria. A cooperativa é a forma universal da organização dos lacticínios e parece que isso ocorre desde tempos immemoriaes. Teria tido origem na Armenia, perto do Monte Ararat, onde bordejara a espinhada nave de Noé. Segundo o professor Totomianz, as camponesas daquela região miseravel em combustivel se reuniam na casa de uma dellas, para fazer aquilo em commum, economizando lenha. Levavam o leite em potes de tamanho igual. Se alguma não tinha para encher o pote, neste se enfiava uma varinha e media-se a profundidade do liquido, para se estabelecer depois a proporção da Partilha.

Hoje, o programma agrario inglez, o allemão e o austriaco preconizam igualmente o fomento do cooperativismo agricola, com menções especiaes quanto ao de lacticínios, como medida de reerguimento da vida dos campos, e como meio de impedir a exploração dos productos rurales pelos capitaes do commercio. Na Tchecoslovaquia, 84% dos productos agricolas procedem de pequeninas propriedades de dois a oito hectares, e o resultado da venda de leite representa 70% das receitas globaes. Em 84% dos casos, portanto, nenhum grangeiro poderia explorar rendosamente a produção pastoril. Entretanto, as cooperativas de lacticínios valorizam a media annual de quatro e meio bilhões de litros, vendidos por quatro e meio milhões de corôas, ou seja a quinta parte do valor da produção do paiz. Existem lá cerca de 400 cooperativas de lacticínios, com 80.000 associados.

Os lavradores dinamarquezes dão ao mundo o exemplo singular de haver grupado em uma unica organização 200.000 fazendeiros, dos quaes 180.000 são pequenos proprietarios (Lyder Sagen: "Dinamarca, paiz agricola"). Nessa estruturação realmente notavel tem especial relevo a organização cooperativa dos productores de lacticínios, iniciada em 1882. Na Associação Cooperativa Dinamarqueza dos Exportadores de Manteiga, e na Organização Central das Associações Dinamarquezas de Lacticínios, tem o reino uma das vigas mestras de sua economia. O que recentemente se realisou em São Paulo — o financiamento, pelo Banco do Estado, ou seja pelo governo, da instalação da Cooperativa Central de Lacticínios, que federa os criadores de doze municípios — foi praticado exactamente como se fez na Dinamarca no inicio da organização cooperativa dos productos pecuarios. Lá, o emprestimo foi approximadamente de 300 mil corôas. Os associados "comprometteram-se a entregar á usina creada a sua produção diaria de leite durante determinado lapso de tempo, no geral de 10 a 15 annos. Assim, o leite recebido em partidas é pago de accordo com os preços correntes e, no fim de cada anno, do lucro bruto verificado é tirada a quota necessaria á amortização do emprestimo e á depreciação das instalações, e o saldo restante dividido entre os componentes da cooperativa, proporção-

nalmente á quantidade e á qualidade do leite que cada um entregou".

O successo da primeira organização estimulou os demais criadores, e a cousa generalizou-se. Em dez annos 700 cooperativas. Hoje, mais de 1.400. É a Dinamarca — o pequenino paiz, que vive da sua vida rural, cooperativamente organizada — conta com a LUR para a sua economia nacional. LUR é a marca afamada, da afamada manteiga que a organização cooperativista produz sempre pura e faz chegar sempre pura ás mesas dos principaes paizes europeus.

Em São Paulo, o inicio foi grandioso. Um anno de actividade incessante do Departamento de Assistencia ao Cooperativismo teve como resultado a união de cerca de meio milheiro de criadores em onze sociedades cooperativas, federadas a um organ central. Fortemente ajudada pelo governo, que lhe concedeu o já referido financiamento, esse organ federativo adquiriu uzinas no Capital e no Interior. O Departamento auxilia-o intensamente na arregimentação dos outros municípios de modo a poder a usina central aproveitar o maximo de sua capacidade, barateando a produção.

Os consumidores lucraram logo-logo. Passaram a receber leite sem aspas e, emquanto em igual phase dos annos anteriores o preço subia invariavelmente a 1\$200, este anno não passou de 1\$000, embora a Cooperativa estivesse ainda lutando com os problemas inherentes a toda organização nova e vultosa. Tambem os productores lucraram immediatamente. Os intermediarios lhes estavam pagando a \$350 — preço maximo que allora vigorando desde annos. A Cooperativa passou a pagar a \$466. Os intermediarios elevaram a \$400 as ofertas, promettendo até \$500. Aliás, cumpre aos associados fecharem ouvidos a essas cântatas. E' velho o processo. Quando, convencidos de que só pela organização cooperativa se libertarão dos intermediarios, os productores se arregimentam, aquelles invariavelmente lhes offerecem preços nunca imaginados, de tão bonitos em organizar-se. Se os associados cedem ao encanto do immediatismo, e deixam a cooperativa, esta logo mesmo fracassa e se dissolve. Então, os intermediarios voltam aos preços vis do costume, e ainda exercem a mesma pressão contra os productores, novamente entregues a sua sanha e sem possibilidade de outra tentativa de organização, devido á desmoralização recente.

E' abundante a bibliographia sobre leite e lacticínios. Toda ella só consegue demonstrar, que, explorada pelos capitaes do commercio, a pecuaria não progride, não constitue fonte de riqueza para paiz algum; que, exercido por intermediarios o commercio do leite, quer as leis sanitarias quer a energia dos juizes contra as defraudadores do producto nada conseguiram na defesa da saúde publica. A questão do leite, a gravissima questão do leite, é questão de intermediarios. Supprimidos estes, está resolvida, e só assim se resolve. Supprimido o intermediario, é estabelecer relações directas entre o consumidor e o productor.

Função do cooperativismo, exclusivamente delle-

FRANCISCO

GIFFONI & C.

**DOENÇAS**  
**DO ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS**  
**SAL DE CARLSBAD**  
 EFFERVESCENTE DE GIFFONI  
 ANTI-ACIDO - CHOLAGOGO LAXATIVO

R. 1 de Março, 17

Rio de Janeiro

# As Semanas da Sociedade Nacional de Agricultura

Sessão de 25 de Agosto de 1934

Com avultado concurrencia, realizou-se no sabbado a semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura. Notaram-se dentre os presentes, os Snrs. Ildelfonso Simões Lopes, Presidente effectivo da Sociedade; Arthur Torres Filho, 1.º Vice-Presidente; Landulpho Alves, Director do Departamento de Produção Animal; Alvaro Simões Lopes, Luiz Simões, Deputado Teixeira Leite, Arruda Camara, José Sampaio Fernandes; Nicoláo Debbané, Leonardo Pereira, Arthur Hollanda, Antonio Barreto, Prof. Paulino Cavalcanti e muitos outros directores, technicos e socios.

De expediente constaram, além de outros, carta do Ministro Odilon Braga, agradecendo as felicitações da Sociedade pela sua posse, na qual declara, textualmente: "Taes applausos, partindo como partiram de associações culminantemente representativas das laboriosas classes que servem de base á nossa riqueza, encheram-me de contentamento e m proporcionaram muito do stimulo com que devo desempenhar o honrosissimo cargo a que fui elevado. Significando-lhes, por vosso intermedio, o alto apreço em que os tenho, valho-me da oportunidade para declarar que muito espero do concurso que lhes devo requerer, dada a plena identidade dos objectivos que os vinculam aos destinos do Ministerio da Agricultura".

O Sr. Torres Filho, que presidia os trabalhos, reafirma, então, os propositos de collaboração da Sociedade ao Ministerio da Agricultura, considerando altamente confortadora, pelos seus termos, a carta do Ministro Odilon Braga.

Officios do Club de Engenharia, a proposito do requerimento da sua revista, do Centro Agricola Luiz de Queiroz, assegurando o seu apoio e concurso aos trabalhos da Sociedade; da Sociedade Rural Argentina agradecendo as gentilezas com que foi cercado um seu director, quando de visita ao Rio; ao Ministro Odilon Braga, agradecendo o voto de congratulações pelo restabelecimento dos trabalhos no Nucleo S. Bento; carta de Grassi & Cia., pedindo interferencia da Sociedade, no tocante a aspectos e necessidades da industria do salitre da Bahia — o Sr. Arthur Torres Filho, ouvida a Directoria de Produção Mineral, encaminhará ao Governo o seu appello; officio do Departamento de Produção Vegetal remetendo impressos para distribuição entre os socios da Sociedade.

O Sr. Torres Filho, a proposito desses impressos, que versam sobre o preparo de insecticidas e fungicidas, considera-os de caracter pratico e altamente instructivos, sendo de suggerir que a propria Directoria de Produção Vegetal preparasse essas emulsões para venda, directamente, a preço modico, aos lavradores.

O Sr. Teixeira Leite diz que os serviços do Ministerio da Agricultura são geralmente pouco conhecidos e mal afamados, vendo, portanto, com satisfação essa iniciativa, devida, sem duvida, ao corpo de technicos idoneos e competentes, que compõem aquelle Departamento.

O Sr. Arruda Camara, Secretario, em seguida passa a ler os officios expedidos pela Sociedade na ultima semana, referentes a providencias determinadas pela reunião anterior.

O Sr. Torres Filho lê, então, o trabalho da commissão designada para o estudo da situação do cacão, a qual, depois de varias considerações, termina por aconselhar:

a) — que sejam aparelhadas as grandes fazendas e os nucleos de pequenas fazendas de cacão de estufas de fermentação, estufas de seccagem, bem como de triadores e burnidores de cacão.

b) — que a colheita se faça apenas dos fructos maduros, cujas sementes devem ser levadas immediatamente ás estufas de fermentação sob cuidados technicos indispensaveis ao bom producto;

c) — que depois de secco o cacão em estufas idoneas, si faça em seguida a triagem e o respectivo burnimento;

d) — que se faça um appello aos poderes competentes no sentido de regulamentar a industria chocolateira entre nós, como medida necessaria a impedir as mystificações que concorrem para desmoralizar o consumo do chocolate e de seus derivados, os quaes, não raro, são prejudiciaes ao organismo humano, especialmente infantil;

e) — que, tendo em vista eliminar, ou diminuir as explorações commerciaes, que sobremodo infelicitam a economia do productor, contrariando abusivamente a lei da offerta e da procura, se indague do Instituto do Cacão da Bahia da conveniencia de se mandar aos mercados europeus e americanos um dos membros de sua Directoria para fazer alli um novo inquerito commercial afim de se inteirar da necessidade de prestigiar, com o nosso apoio, o Bureau Internacional de Produtores de Cacão, de Londres, cuja finalidade é necessario esclarecer".

O Sr. Torres Filho diz uma das conclusões lidas corrobora o ponto de vista da necessidade da installação de escriptorios technicos nos paizes compradores, para os nossos principaes productos, adiantando que na reunião de 2.ª feira apresentará ao Conselho Federal do Commercio Exterior um parecer sobre o algodão, de accordo com o que a respeito foi approvedo pela Sociedade, e no qual essa idéa está consubstanciada numa indicação.

Submettido a votos, é o parecer approvedo, com a indicação de ser, antes de qualquer outra providencia da Sociedade, submettido ao Instituto de Cacão da Bahia, como organ especializado que é e a quem interessa uma das conclusões approvedas.

O Sr. Arruda Camara lê uma interessante communicação a respeito da "complexa situação economica de herva-matte, de sua lavra e do Sr. Kurt Repsold e na qual aquelles dous technicos ajustam pontos de lenta execução e outros de cogitação immediata, relativos á expansão do matte — producto de elevada significação em nossa vida economica.

Dentro dessa orientação, e devidamente justificados, são ajustadas essas questões, nos seguintes itens:

1) — exigencias e necessidades dos mercados importadores, notadamente do argentino;

2) — Exame dos interesses dos produtores nacionais tendo-se em vista a conveniencia de harmonizal-as com os dous estrangeiros;

3) — A possibilidade de classificação e cotação commercial do matte, de conformidade tambem com as suas qualidades intrinsecas;

4) — A transformação gradativa da exploração da herva-matte nativa em exploração de cultura systematizadas;

5) — A difficuldade e quasi impossibilidade da fiscalização do primeiro preparo;

6) — A conquista de novos mercados e o augmento do consumo nacional;

7) — A rotulação de productos estrangeiros e da qualidade inferior como sendo matte brasileiro, e, finalmente;

8) — O acurado estudo das leis estaduaes que limitam a exportação da herva cancheada.

Trava-se em torno do assumpto vivo debate, sendo, outrossim, illustrada a comunicação de varias apreciações dos seus autores.

O Sr. Arruda Camara acha que a prohibição da exportação da herva puramente cancheada, para beneficio nos paizes consumidores, e constante da legislação estadual, estimula a cultura estrangeira, sendo de notar que a safra argentina é calculada em 20.000 toneladas, para este anno.

O Sr. Torres Filho diz que os Srs. Arruda Camara e Kurt Repsold, com a autoridade que lhes dá o notorio conhecimento da materia, feriram pontos de maior interesse para a questão economica do matte e que não padecem controversia, como pontos pacificos que são.

E adeanta que, quando de visita á Argentina, em companhia do então Ministro da Agricultura Assis Brasil, a questão do matte era, alli, um assumpto popular, que empolgava a Argentina, que se apaixonara por elle. Foi isto durante o Governo Uriburu, quando a exportação do nosso *ilex* para alli já obedecia ás limitações conhecidas. As nossas chancellarias, diz SS. — têm tido no matte e a sua exportação para a Argentina uma questão permanente, e das mais difficeis. E', pois, um assumpto que precisa ser debatido amplamente e, por isso, propõe seja a comunicação em apreço considerada como inicio do debate, conservando a Sociedade em aberta a questão do estudo e á collaboração que quantos se interessam pela mesma.

O Sr. Arruda Camara propõe a transcrição na acta de um editorial do Diario Carioca em que esse Jornal louvou a actuação da Sociedade no que respeita ao plano de reconstrucção economica, previsto na nova Constituição.

A proposta é approvada unanimemente e o Sr. Torres Filho diz que a Sociedade recebe esses applausos com especial agrado tanto mais que esse Jornal mantem uma secção diaria consagrada á vida economica do paiz. E um esticulo, diz — que a Sociedade tem na mias alta conta.

O Sr. Arruda Camara pede, ainda, a interferencia da Sociedade j junto ao Legislativo afim de ser prorogado o prazo para o registro de diplomas e titulos de engenheiros agronomos. Propõe SS. que ao lado desse pedido a Sociedade encarecesse a necessidade da modificação da lei respectiva de forma que fosse adoptado o criterio da acceitação de documentos aos que, comprovadamente, estivessem impossibilitados de apresentar os titulos ou diplomas respectivos, como no caso de estabelecimentos de ensino já extinctos.

O Sr. Teixeira Leite, julgando procedente o pedido, promptifica-se a apresentar, á Camara, um projecto de lei nesse sentido e a Sociedade communicará o facto ao Sr. Ministro da Agricultura, pedindo para elle o apoio de S. Exa.

O Sr. J. Sampaio Fernandes apresenta interessantes suggestões complementares ao parecer já approvado relativamente á questão do leite e lacticinios.

O Sr. Arthur Hollanda, em vista da presença, á reunião, do Sr. Landulpho Alves, diz que a Sociedade teria muito interesse em, a respeito, ouvir a sua opinião.

Attendendo a esse apello, o novo e illustre Director do Departamento de Produccão Animal diz que se sente obrigado a qualquer serviço solicitado pela Sociedade não só particularmente, como, dentro dos limites razoaveis, officialmente, no que estiver ao seu alcance.

O Sr. Torres Filho lê, em seguida, um telegramma a proposito da retenção de uma partida de carnes congeladas no Rio Grande do Sul, para a Italia attribuindo a agencia que o distribuiu a difficuldades cambiaes.

E', diz, erronea a affirmativa, porque o que há é apenas uma grande lucha de mercados.

O Sr. Landulpho Alves, a proposito, diz que a Argentina está com um stock de 400.000 novillos sem saber o que fazer delles; sabe que houve uma proposta de grande criador argentino, para o estabelecimento de xaqueadas no Rio Grande, para o consumo do gado argentino.

Ha, effectivamente, uma grande lucha de mercados porque a Argentina quer collocar, de qualquer maneira, o seu producto. No caso de exportação para a Italia, a Argentina não apresenta o typo de carne preferido por aquelle paiz, que quer carne magra. A Argentina para enquadrar-se dentro dessa exigencia, tem expungido de suas carnes da gordura exterior, não o conseguindo ainda assim, satisfazer o gosto italiano, por isso que a gordura intersticial das suas carnes não pôde ser evitada. O Rio Grande produz o typo ideal para os mercados italiano.

O Sr. Torres Filho adianta que o Conselho Federal do Commercio está attento a essa questão, com a realização de diversas reuniões, com a presença dos representantes dos frigorificos, afim de poder o Brasil concorrer ao fornecimento, que é dificultado pelo acto da Argentina pelo seu Governo, entrar no mercado sem pagar com "uma verdadeira quota de sacrificio" da industria frigorifica platina.

O Sr. Teixeira Leite refere aos mercados interiores a que está ligado o caso dos transportes. Lembra que a nossa população do interior consome pouca e má carne e, por isso, a as possibilidades da industria de carnes do Brasil são immensas dentro do proprio paiz, e, em Pernambuco, as carnes do sul para alli mandadas têm tido a melhor acceitação, fazendo baixar o preço das carnes locais, más e provenientes e de gado cansado e magro.

O Sr. Torres Filho assignala a presença á sessão do Sr. Simões Lopes, Presidente effectivo da Sociedade, a qual é recebida com muito jubilo e tida por todos como altamente encorajadora, embora S. Exa. esteja presentemente, devido aos seus grandes affazeres como Director do Banco do Brasil, licenciado do alto cargo a que dedica a Sociedade, o maior relêvo.

O Sr. Simões Lopes agradeceu e, devido ao adiantado da hora, são encerrados os trabalhos.

#### Sessão de 1 de Setembro de 1934

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, esteve reunida a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Nessa reunião destacaram-se assumptos de muita relevancia para o economia brasileira, a ella comparendo crecido numero de directores, technicos, socios e demais interessados, e entre os quaes notamos: Deputado Edgard Teixeira Leite e Fabio de Azevedo Sodré; Drs. Arruda Camara, José Sampaio Fernandes, Joaquim Brito de Moraes Carvalho, Domingos Freire, Augusto Pereira Ramos, Leopoldo Mendes do Amaral, Paulino Cavalcanti, Leonardo Pereira, Luiz Freire, Thompson Esteves, W. Mello Mattos, Herval Chaves, Euclides Benites, osé Maria Fernandes, Altino Sodré, Alvaro Simões

Lopes, Luiz Simões Lopes, Eugenio Ferreira, Travasso Vieira, Tasso de Miranda, Cunha Mello, F. Murtinho Braga e outros.

Do expediente constaram numerosos officos de congratulações de instituições congêneres por ter a Sociedade Nacional de Agricultura sido designada para membro do Conselho Federal do Commercio Exterior e, dentre outros papéis, um longo officio do Sr. Dr. Luiz Amaral, Director do Departamento de Assistencia ao Cooperativismo, de S. Paulo, referindo-se a um recente estudo da Sociedade relativo á questão do leite, e onde era preconizada, como medida indispensavel ao desenvolvimento dessa industria, a implantação, entre os productores, do cooperativismo. O Sr. Luiz Amaral, a proposito, explica com minucia os trabalhos a respeito realizados em S. Paulo e os grandes resultados obtidos.

A respeito dessas informações, que encheu de jubilo a Sociedade, pioneira desse movimento no paiz, o Sr. Torres Filho diz que a primeira cooperativa de laticínios fundada em S. Paulo, tinha séde em Cruzeiro, no Norte daquelle Estado, e se installou em Março de 1931, em consequencia da propaganda feita pelo extinto Serviço de Inspeção e Fomento Agricolas, do Ministerio da Agricultura, por intermedio do Agrônomo Fabio Luz Filho. Os Estatutos dessa cooperativa, foram vasados, em suas linhas geraes, nos estatutos modelos officiaes.

Essa cooperativa, — assignala — logrou grande exitos usinas de laticínios de S. Paulo. O exemplo de Cruzeiro irradiou-se pelo Norte de S. Paulo e, ultimamente, tanto que é hoje considerada uma das mais importantes, o Departamento de Cooperativismo Estadual, superiormente dirigido pelo Dr. Luiz Amaral, secunda esse movimento, cujos magnificos resultados estão patenteados no movimento assignalado por cerca de 10 cooperativas de laticínios federadas á "Cooperativa Central dos Productores de Leite de S. Paulo".

Vae — diz o Sr. Torres Filho — num crescendo constante, felizmente, o movimento cooperativista agricola naquelle Estado, porque, além das cooperativas de laticínios, devem ser mencionadas as avcolas, (que já exporta ovos para a Europa), as 12 cooperativas de café, as varias cooperativas de consumo, a Cooperativa Vinicola de S. Roque, as diversas cooperativas escolares — de que a primeira foi fundada no Grupo Escolar de Cruzeiro pelo Dr. Fabio Luz, — além de outras.

A Sociedade, pioneira, como é, desse movimento no Brasil, graças á larga visão dos seus antigos presidentes e directores, dentre elles se destacando Wenceslau Bello, Ignacio Tosta, Christino Cruz, João Baptista de Castro, deve congratular-se com o Departamento de Cooperativismo, pois será desse modo que, lograremos effectivar a defesa economica da agricultura nacional.

Em seguida o Sr. Arthur Torres Filho propõe, sendo unanimemente approvedo, um voto de congratulações com a Associação Commercial do Rio de Janeiro pela passagem, a 8 deste mez, do primeiro centenario de sua fundação. Na sua proposta, o Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura assignala os grandes e notorios servicos da velha instituição ao commercio nacional, que commecam a partir de 1808, quando, sob o titulo de "Praca do Commercio", foi a sequencia natural como órgão de coordenação e desenvolvimento, da liberdade do commercio havia pouco fora decretado pelo Regente.

A Comissão que representará a Sociedade nas comemorações ficou constituída dos Srs. Arthur Torres Filho, Arruda Cabara e Roberto Dias Ferreira.

Usa, em seguida, da palavra, o Dr. Luiz Freire, grande agricultor do coqueiro em Sergipe, que fez uma interessante palestra sobre o coqueiro no Brasil, a qual, na apreciação do Sr. Torres Filho, constitue um excellent manual pratico da cultura da preciosa palmacea.

Não lhe escapam, nos seus commentarios, as notas botanicas, a escolha e o preparo da terra, a reproducção, por sementes e mudas, a technica do plantio — que aconselha seja feita após o destacamento do terreno, e a observancia das linhas rectas, de 10 em 10 metros; o combate á Sauva, as culturas subsidiarias, — preferindo dentre todas a mandioca; a fructificação, a colheita, a producção, a adubação, o beneficiamento, as molestias e pragas e os meios de combatel-as.

Aconselha o estudo do coqueiro em Ceylão, como meio de aperfeçoar a industria do Nordeste, "onde o braço é fraco — porque doente e mal pago, havendo, em Sergipe, quem pague a diaria de um homem por 1\$200 e 1\$500!"

No que se refere aos impostos, é interessante transcrever o que, a respeito, consigna na sua brilhante palestra o Dr. Luiz Freire:

"O maior inimigo do coqueiro é o homem. O coqueiro apesar de ser o rei dos vegetaes, arvore verdadeiramente privilegiada, ainda não fez a riqueza de ninguem no Norte do Brasil. Os nossos dirigentes, até hoje não tiveram comprehensão do que seja estimulo a quem quer trabalhar para augmentar a producção, elevando constantemente as rendas. Ao em vez de exaggerados impostos, deveriam instituir premios de premios de animação, cujo dinheiro voltaria novamente ao Thesouro, pelo augmento das rendas. O coqueiro paga o imposto territorial ao Estado e ao Municipio. Sou o unico agricultor exportador em Sergipe, e posso dizer com pleno conhecimento de causa que um sacco de côcos da nossa fazenda até o Rio de Janeiro faz 20\$000 de despesa; O frete é de 5\$000 por sacco; o côco paga 8% ao Estado, 1 1/2% de adicional, \$300 por volume, 5% de estatística, (imposto sobre imposto), taxa de caridade, imposto de viação federal, imposto de viação estadual, imposto á Intendencia de origem, imposto de entrada, á Intendencia de Aracaju, imposto de sahida á Intendencia de Aracaju, sellos federaes, sellos estaduaes e o imposto de marca.

São 14 impostos apenas sobre o côco e 2 sobre o coqueiro".

Corôou as ultimas palavras do orador uma prolonhada salva de palmas e o Sr. Torres Filho elogia o Sr. Luiz Freire — profundo conhecedor da cultura a que se dedicou, justamente cognominado o rei do coqueiro, batalhador indefeso e desinteressado de uma grande fonte de riqueza ainda por se constituir.

Com a competencia que todos lhe reconhecem, e a franqueza com que falla, a collaboração do Sr. Luiz Freire é preciosa, e demonstra — dado o abandono em que têm vivido os agricultores de côco, assignalado por SS. — a necessidade das cooperações associativas e a Sociedade Nacional de Agricultura se sente muito feliz de encaminhar a quem de direito as suggestões e os reclamos do Sr. Luiz Freire, que representa, como delegado, o interesse dos productores de Alagoas e Sergipe e a quem já se deve assignalado serviço da padronização do côco, constante de recente decreto.

O Deputado Edgard Teixeira Leite louva o trabalho e os esforços do Sr. Luiz Freire e pede a attenção da Sociedade para o mostruario excellent no Pavilhão de Pernambuco, na Fabrica Libu', de Thomaz de Aquino & Cia., o qual é interessantissimo, e demonstra o alto grau de adiantamento da industria, que utiliza uma materia prima até aqui pouco empregada.

O Sr. Arruda Cabara diz que ha cerca de 16 annos acompanha com carinho e cada vez maior entusiasmo a actividade do Dr. Luiz Freire no sentido de erquer a cultura do coqueiro. Como filho de um productor de côco, devendo ao coqueiro os primeiros recursos de que teve necessidade, é claro tenha pelo aperfeçoamento da sua

produção grande interesse... interesse e gratidão". Diz que a acção do Dr. Luiz Freire é de um abnegado, tudo tendo feito, com os recursos que lhe proporciona a Ilha do Veiga, para induzir os seus collegas productores de côco nas praias nordestinas a com mais desvelos cuidarem dos coqueiros. Tanto fez que descobriram os seus grandes coqueirões e, em consequência, mezes a fio, com uma dedicação inexcedível, tem acompanhado, com muito tacto, quanto o mundo official nestes ultimos tempos tem procurado fazer pelo côco. E' um delegado que advoga e defende uma grande causa por conta propria.

A sua acção tem sido proveitosissima e della, sem duvida, cedo ou tarde, resultará a organização dos coqueiristas do Brasil. Nesse sentido — acredita possa a Sociedade Nacional de Agricultura desenvolver uma campanha util. A semente da grande obra é o Dr. Luiz Freire — o sabio lavrador de côco no Brasil.

Propõe, é approvedo — que a Sociedade, secundando a acção daquelle benemeritto cidadão, promova, para o proximo anno, um congresso nacional em que se congreguem todos os coqueiristas do Brasil.

Pede, ainda, que a Sociedade se congratule, por intermedio dos Interventores da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Ceará, com os productores de côco daquelles Estados pela acção do Dr. Luiz Freire, em beneficio dos legitimos interesses dos productores de côco do Brasil.

O Sr. Torres Filho diz que é justissima a homenagem proposta, não podendo, pois, a Sociedade deixar de applaudil-a.

O Sr. Joaquim Bertino refere-se a acção do Sr. Gracho Cardoso, e dos seus esforços em prol do coqueiro, em 1921, chegando a tratar do mesmo na Camara dos Deputados, sendo, tambem, de justiça assinalar o nome do então Senador Justo Chermont, que tambem pugnava, no Senado por medida tendentes ao melhoramento dessa cultura.

O Sr. Torres Filho, após declarar será o facto registado, diz por ter em mão um trabalho do Sr. Raymundo Fernandes e Silva, sobre o coqueiro anão, o qual lê.

Quer entretanto, deixar patente, que a introdução dessa planta no Brasil se deve á iniciativa do Sr. Miguel Calmon, que a observou quando da sua viagem ao Oriente.

E' dada apalavra ao Sr. José Maria Fernandes, Director do Serviço de Plantas Texteis, que discorre sobre a questão da saccaria e do aproveitamento das nossas fibras — sobretudo do coroã — para essa industria.

Após interessantes considerações, conclue aquelle tecnico, com applausos geraes, que o problema da fibra nacional é uma questão de produção economica cujo ponto principal está na phase do desfibramento, ou o preparo do producto para o mercado. — Para resolvel-o, recommenda as seguintes providencias:

a) — installação, no Pará ou Amazonas, Pernambuco e em S. Paulo, de estações experimentaes com o fim exclusivo de estudar em todos os seus detalhes as plantas texteis existentes em cada região e adaptar outras consideradas de valor economico, fornecendo aos interessados sementes e mudas destinados ao plantio e bem assim todas as informações necessarias á sua cultura racional.

b) — organizar cooperativas de interessados ou nucleos coloniaes para a exploração racional das fibras texteis, que seriam aparelhados para o beneficiamento da fibra, financiados e orientados tecnicamente pelo governo;

c) — desenvolver no Instituto Technologico os estudos para o aperfeiçoamento dos processos de desfibramento mechanico e biologico, facilitando aos interessados a construção e experimentação de suas machinas e concedendo auxilios e premios aos que apresentarem novas modalidades ou processos de efficiente aproveitamento das fibras;

d) — estudar a possibilidade da applicação dos tecidos de algodão na industria da seccaria dispensando todas as taxas e impostos que possam sobrecarregar o seu custo de produção.

O Sr. Joaquim Bertino diz que a Bahia foi o primeiro Estado do Brasil que assistiu os primeiros estudos sobre o caroã, sendo, ademais, de uma grande riqueza em fibras, sendo, pois, de justiça, que não fôsse esquecido para uma das estações experimentaes preconizadas pelo Dr. José Maria Fernandes.

Este justifica, dizendo que, no seu trabalho, teve a preocupação de distribuir pelas differentes zonas do Brasil — norte, centro e sul, esses estabelecimentos, que, certamente, mais tarde, se irradiariam para outros pontos.

O Deputado Fabio Sodré, salientou a coincidência de haver a Secretaria de Agricultura de S. Paulo lhe ter offerecido sementes de juta para plantio na Baixada Fluminense, cuja cultura, em nosso meio, os technicos de São Paulo consideram facil e já se processa em condições bem aproveitaveis. — Julgam, entretanto, que as terras e demais condições da Baixada Fluminense são mais favoraveis a essa cultura e, para inicial-a e desenvolver-a, offereciam todas as facilidades, inclusive sementes.

Todos os problemas technicos, ( inclusive o do desfibramento, relativos a essa cultura, já se achavam resolvidos em São Paulo, sendo, entretanto, pequena a produção.

O Sr. Deputado Teixeira Leite esclarece que o problema do caroã merecera a melhor attenção do governo de Pernambuco, com a concessão de favores a empresa que já está fazendo a industrialização das fibras. Entre as compensações, obrigou o governo á referida empresa o estudo do replantio e a parte agricola do caroã.

**LEMBRE! COM A SECCA**

A SAÚVA DESCANÇA DEBAIXO DA  
TERRA - MAS COM AS PRIMEIRAS  
**CHUVAS** REINICIARÁ SUA  
ACÇÃO DESTRUÍDORA

**Formicida "Jupiter"**  
O CARRASCO DA SAÚVA

**"Elekeiroz" S. A.**

AGENTE DO RIO  
**E. POLTO**

R. São Pedro, 43

O Sr. Torres Filho diz do prazer com que a Sociedade reúne tão valiosos esclarecimentos e apresenta o Sr. Leopoldo Amaral, que vae, tambem, por uma feliz coincidência, apresentar informações a respeito do mesmo assumpto, no que se refere á Bahia.

Este se felicita pela oportunidade de trazer á Sociedade os resultados technicos e commerciaes a que chegou nos longos estudos que emprehendera sobre o caroá, manifestando o seu inteiro accordo aos pontos de vista do Sr. José Maria Fernandes.

Presta, de inicio, dedicada homenagem ao Dr. Ildefonso Simões Lopes e ao Dr. J. Raynal, o primeiro por haver, quando Ministro da Agricultura, comprehendido a importancia das fibras nacionaes e o seu aproveitamento na seccaria para os nossos productos; e o segundo — por ter sido o technico interessado e incansavel que, escolhido pelo Sr. Simões Lopes, abriu com experiencias minudentes e completas, os horizontes ao aproveitamento do caroá.

Estabelece parallelo entre o caroá e guaxima, e, em geral, todas as malvaceas, para concluir que o primeiro deve ter preferencia, não só por ser plantas que dá uma colheita annual, como pela grande área em que, nativo, vegeta no nordeste. Pedê a attenção da Sociedade para a face social da questão do aproveitamento do caroá no Nordeste, o qual, por seu character oermanente, seria uma solução aconselhavel para o problema dos saccos, que se procura attender no momento.

Termina pedindo o apoio da Sociedade para o trabalho que leu e que esta levará ao conhecimento do C. Federal do Commercio Exterior no qual solicita a promoção da utilização do caroá — que terá grande preponderancia na solução de dois dos problemas mais importantes da economia nacional: o da fabricação da barbantes, cordas, cabos, saccos, etc., e a fabricação da cellulose, utilizada tão somente á materia prima brasileira.

Os Srs. José Maria Fernandes e Leopoldo Amaral, apresentam grande quantidade de fibras do caroá já trabalhadas, patenteando, com essa prova, o valor daquella fibra e a variedade de sua applicação.

O Sr. Arthur Torres Filho elogia a valiosa contribuição e diz que a reunião havia tratado, como se vira, de assumptos de grande significação para a economia do paiz — o que muito animava a direcção da Casa — sempre voltada, aliás, para esses problemas. E tanto mais grato referir a satisfação da Sociedade, por ver que, nesse terreno de saccaria — já sabíamos por assim dizer da plaise das experiencias, quanto é certo ser o assumpto familiar á Sociedade, que delle tem tratado, repetidas vezes, desde os seus primordios.

Os oradores que então se fizeram ouvir, e os resultados dos seus aturados esforços, vieram revelar que havia, felizmente, no Brasil quem não perdera a luz da iniciativa do Sr. Simões Lopes, que, na sua gestão, tanto via o Sul como o Norte, ou o Nordeste, pelo seu grandioso espirito de brasilidade, que não admitte regionalismo.

Encerra-se, a seguir, os trabalhos.

Sessão de 8 de Setembro de 1934

Com a presença de Directores, technicos, socios e demais interessados, realizou-se sabbado ultimo a sessão semanal da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Arthur Torres Filho, que presidia a sessão, justificou um officio dirigido pela Sociedade ao Director de Agricultura do Ministerio da Agricultura, solicitando dados e informações a respeito da exportação de abacaxi. E' que a Sociedade reunirá brevemente os agricultores e exportadores dessa fructa, sobretudo os de S.

Gonçalo, que se mostram particularmente interessados, para tratar de questões relativas á proxima safra. Foi a Sociedade, aliás, procurada por esses agricultores, que desejam saber si o Ministerio manterá os mesmos pontos de vista até agora adoptados relativamente a esse commercio, pois que terão de se preparar para futura exportação, como o fabrico de caixas, etc., etc.

Foi lida uma carta do Sr. Cardoso Ayres, Director da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, em que são trazidos á Sociedade interessantes observações acerca do commercio e exportação do algodão.

Reconhece o Sr. Cardoso Ayres que é já apreciavel o que sido conseguido no tocante á classificação do nosso algodão, e refere que esta classificação official determina apenas a fibra nas suas grandes divisões (Matta — Sertão — Seridó) e a limpeza dos nove tipos *standard*. Exige, entretanto, o fabricante europeu maiores detalhes na aquisição da materia prima, como sejam, seccosidade, resistencia, cor e o que na technica se chama "character" do algodão. Não é porém possível nem necessario que a classificação official cogite de taes detalhes de uma technica muito difficil, pois os exportadores pela concurrencia entre elles terão os seus technicos classificadores para attender as exigencias dos seus clientes.

E' o mesmo que se dá com o café cuja cotação official é apenas Santos 4 ou Rio 7 e os exportadores ou os grandes compradores de fora, como American Coffe C.<sup>o</sup> e outros têm nos portos os seus technicos que detalhem "strictly soft — good roast", etc.

No que se refere á collocação do nosso algodão nos mercados externos, acha que: "Entre outros mercados compradores merece especial attenção o de Hamburgo, pois apezar da actual reduzida capacidade acquisitiva de consumidor na Alemanha, é aquelle centro de uma grande importância pela conhecida tenacidade de trabalho de sua gente e não dispõe o paiz de colonias para aquisição de suas materias primas com privilegio aduaneiro como acontece com outros. Estamos porém desde alguns mezes grandemente desapontados com a restricção feita pelo Governo daquelle paiz nas importações de algodão e que veio inutilizar os sacrificios feitos em experiencias e propaganda. A confiança alli já se ia pouco a pouco estabelecendo a ponto de varios fabricantes terem feito suas encomendas para embarques repetidos durante muitos mezes".

Acha o Sr. Cardoso Ayres que seria, talvez, praticavel uma politica que, sem prejuizo da balança commercial allemã, nos fosse possível obter alli a collocação de nosso algodão, inclusive pela troca com productos da industria seramica.

O Sr. Torres Filho diz que o Sr. Cardoso Ayres presente a uma das ultimas sessões da Sociedade, quiz enviar esclarecimentos utilissimos, como se via, alcançados na longa experiencia adquirida por aquella Sociedade na exportação do algodão.

Em seu synthetico communicado, abordou aspectos praticos, resaltando com perfeição a situação actual e, muito particularmente, a necessidade de se conquistar os mercados da Alemanha para o algodão brasileiro, libertando-nos dos intermediarios de Liverpool".

Acha o Sr. Arthur Torres Filho que esses mercados são de muita importancia como centros distribuidores de importantes zonas da Europa, tanto que o Conselho Federal do Commercio Exterior, com a proxima visita da missão commercial allemã vae estudar uma formula para o desenvolvimento do intercambio commercial entre os dous paizes.

A experiencia com o trigo norte-americano, não surtiu os efeitos desejados e, por isso, o Conselho está orientando o seu trabalho sob o principio da *compensação commercial*.

São notícias que traz á Sociedade com conhecimento de causa e particular satisfação, pois tudo indica que não mais perderemos oportunidade como aquella das 10.000 toneladas de carnes fornecidas á Italia, pois o Conselho está trabalhando activamente e realizando uma politica que se acomoda realmente dentro das actuaes condições economicas, moldando a nossa producção á realidade mundial.

O Sr. José Maria Fernandes informa que o Sr. Cardoso Ayres tem revelado um grande interesse pela acção do Serviço do Algodão, no qual tem prestado valiosos auxilios. Quanto á classificação, acha que está depende exclusivamente da quantidade, o que nos obriga a continuar a divisão actual, pois uma classificação que observasse sub-divisões de accordo com a cor, sedosidade, etc., como quer aquelle tecnico, é, pelo menos no momento, impraticavel. E' possivel que brevemente se possa cogitar dessa classificação mais detalhada, mas só depois de dispormos de quantidades sufficientes, de laboratorios e demais aparelhamento.

O Sr. Sampaio Fernandes, refere-se a projectada realização de uma exposição agricola, pecuaria e industrial, na Capital do Triangulo Mineiro, a importante cidade de Uberaba, e de que os jornaes dão noticia, a proposito de um projecto do Deputado Waldomiro Magalhães, correspondendo a um appello do Sr. Fidelis Reis, de um auxilio do Governo Federal para o mesmo fim, propoz que a Sociedade se congratule com a Sociedade Rural do Triangulo Mineiro, pela iniciativa que tomou — por ser inteiramente nos moldes da acção da nossa propria Sociedade. Propõe, mais, que a Sociedade se dirija ao Sr. Ministro da Agricultura mostrando a conveniencia do apoio de S. Exa. á solicitação do auxilio acima referido.

Essas propostas são aprovadas unanimemente e o Sr. Torres Filho diz que tem em mãos uma solicitação dos criadores de Campos — importante zona pastoril — plenteando o restabelecimento do Serviço de Inspecção Veterinaria, ha pouco extinto, e que vinha prestando aos criadores locais os melhores serviços. A Sociedade se dirigirá ao Sr. Ministro da Agricultura a respeito, interferindo em favor da justa aspiração dos criadores campistas.

O Sr. Torres Filho informa que já leu, no Conselho Federal do Commercio Exterior, dous pareceres, a respeito de padronização, para melhor definir o papel do Governo no assumpto, porque tem a impressão que em alguns Ministerios quanto a esse particular a função do poder publico não está bem definida ainda.

De accordo com esse parecer recommenda que a fiscalização necessaria, para ser efficiente, deverá ser feita desde os centros de producção até o ponto de embarque.

Entende, pois, que a fiscalização da execução das medidas relativas á padronização devem caber ao Ministerio da Agricultura, e, para o caso pede a collaboração dos seus collegas, por isso que ha, a respeito, certa controversia que deve ficar dirimida. O Ministerio do Trabalho, por exemplo, avoca a si a fiscalização, por ser materia de commercio, collidindo com o Exterior, que tem no estrangeiro os seus addidos commerciaes, que aliás não são technicos, e, ainda, com o da Agricultura, cujo corpo tecnico, familiarizado desde ha vinte annos com esses assumptos tem realizado o que de real já existe em materia de padronização, e julgando-se, por isso, e justamente, com a necessaria idoneidade para o serviço.

Espera o pronunciamento claro e sincero da Sociedade Nacional de Agricultura, sendo que, na sua opinião, aos technicos do Ministerio da Agricultura, caberá essa função, tanto mais que a padronização tem de attender ás realidades da vida agricola do paiz, existindo já em relação a alguns productos, e restando que a fisca-

lização seja mais efficiente. E para que essa fiscalização se complete, é preciso que vá desde o local da producção até os mercados de consumo, o que se conseguirá com a instalação de escriptorios technicos no estrangeiro.

O Sr. José Maria Fernandes acha que a fiscalização deve caber ás repartições e funcionarios que organizaram a exportação. Seria uma volta prejudicial e inexplicavel, se outra repartição intervisse.

O Sr. Teixeira Leite recorda um argumento decisivo: a padronização é a ultima phase da producção e, portanto, só ao Ministerio da Agricultura deverá caber, e, como reforço, apresenta a hypothese de que o Ministerio do Trabalho tivesse qualquer função na padronização. Os seus funcionarios iriam receber o producto embalado, prompto para consumo, com o trabalho anterior já todo realizado pelos technicos do Ministerio da Agricultura.

Seria, assim, creado um outro corpo de funcionarios, uma duplicata de serviço, com onus e sem proveito, antes absorvendo recursos que poderiam ser applicados no aperfeçoamento do serviço.

O Sr. Torres Filho diz que o assumpto é de grande significação; se temos uma producção má e se não está ainda classificada, devemos dar apreço á acção de mais de 20 annos.

Resta um eperfeçoamento e, por elle, não poderemos prescindir desse já longo tirocinio numa materia que infelizmente ainda é nova entre nós.

Entram no debate varios oradores e o Sr. Deputado Teixeira Leite, á vista da citação de alguns casos em paizes que adoptam o ponto de vista defendidos pelos presentes, declara que, mesmo que alli se observasse o contrario, o caso brasileiro deveria ser resolvido dentro das realidades nacionaes.

O Sr. Torres Filho congratula-se com os seus collegas por verificar que o pensamento da Casa está accordo, unanimemente com as sua orientação pessoal e de que a padronização é por si considerada de tanta relevancia que chegou a formular um projecto a que dá o titulo de "Coordenação das forças economicas do paiz" e que é todo calcado nessa necessidade inadiavel.

São desse trabalho, que lê, os seguintes trechos:

"O Governo promoverá, por intermedio do Ministerio da Agricultura, uma serie de medidas de estímulo e sobretudo de orientação da padronização agro-pecuaria do paiz, de modo a proteger e encaminhar as correntes do commercio interestadual e estrangeiro, tendo em vista: a) — melhorar os methodos de preparo e de distribuição dos productos; b) — prevenir a super-produção, acompanhando a producção e a distribuição systematica dos productos agro-pecuarios nos mercados internos e externos; c) — promover a diffusão de corporações agrarias (syndicatos, cooperativas, camaras de agricultura, etc.); forte movimento pelo melhoramento agrario, abrangendo a acção cooperativista todos os factores de progresso da vida rural; d) — proporcionar todas as garantias de organização, defesa e estímulo a medidas que visem a disciplina economica, coordenando o movimento da classe agricola do paiz; e) — organizar, em bases seguras, a estatística agro-pecuaria, de modo a permittir ao Governo acompanhar a marcha da producção e dos preços dos productos nos centros productores e nos mercados consumidores, investigando as causas de super-produção ou deficiencia de certos productos; f) — estudar os impostos, os transportes e taxas aduaneiras e seus efeitos sobre os mercados dos productos agricolas.

Artigo 1.º — O Ministerio da Agricultura, com auxilio de todos os seus departamentos technicos e com a collaboração das corporações agrarias, sobretudo das que

operativas de produção e venda, promoverá medidas urgentes para o melhoramento dos métodos técnicos, economicos e commerciaes da nossa produção agro-pecuária, de modo a que, aos centros consumidores, cheguem typos uniformes de productos e em bom estado de conservação.

Art. 2.º — Deverão ser realizados estudos para padronização de todos os productos agricolas, sub-productos e derivados, bem como os das industrias ruraes, conexas e auxiliares da agricultura, quer quanto aos destinados ao consumo interno do paiz, quer quanto aos destinados á exportação.

§ 1.º — Para esse fim, os productos agricolas serão classificados por especie, qualidade, variedade, typo, etc., e uma vez estabelecidos os respectivos padrões, os ditos productos não poderão ser exportados ou postos á venda sem serem examinados ou analysadas e sem a exhibição de certificados expedidos pelas repartições ou funcionarios federaes designados pelo Ministerio da Agricultura.

§ 2.º — A marca, os rotulos, os desenhos e os dizeres que acompanham o producto a natureza dos envoltorios ficarão sujeitos á aprovação e ao registo nos departamentos técnicos do Ministerio da Agricultura, fazendo parte integrante da padronização.

Ficou deliberado, deante da opinião expendida pelos varios technicos que a questão da padronização fosse examinada em relação a cada um dos nossos principaes productos agricolas de exportação, devendo, com esse fim, na proxima sessão, serem iniciados os debates, com a apresentação de alguns estados.

O Sr. Joaquim Bertino mostrou a necessidade das publicações officaes de caracter tecnico e scientifico se revestirem do maximo cuidado e promette apresentar, a esse respeito, uma indicação a ser examinada pela Sociedade.

O Sr. Alcides Franco, da mesma forma, consubstanciará em uma comunicação á Sociedade os seus pontos de vista relativos á coordenação technica das organizações administrativas referentes ás pesquisas agronomicas, a exemplo do que ocorre na America do Norte.

O Sr. Arruda Camara recorda o fallecimento, ha precisamente dous annos, do Sr. Carlos Raulino, que durante longos annos acompanhou, com dedicada colaboração, a vida da Sociedade, colhendo-o a morte quando no exercicio das funções de 1.º Thesoureiro. Taes foram — diz — os serviços do Sr. Carlos Raulino á instituição que seria justo perpetuar-lhe o nome e, nesse sentido, lembra — com aprovação geral — que seja dada á alameda de dendezeiros existente no Horto Frutifera da Penha o nome desse saudoso consocio.

## SESSÃO DE 15 DE SETEMBRO

Com a presença dos Srs. Arthur Torres Filho, Deputado Teixeira Leite, Sampaio Fernandes, Paulino Cavalcanti, Arruda Camara, Leonardo Pereira, Otto Frenzel, Arsene Puttemans, Kurt Repsold, Euzebio de Oliveira, Virgínio Campello, Domingos Faria, F. Murinho Braga, Coracy Nunes, Augusto Ramos, Joaquim Bertino, Alcides Franco, A. Barcellos Fernandes, Altino Sodré, Jonas Rimsa, Herval Chaves, Ascendino Monteiro Nunes, representante commercial do Pará, e outros, realizou-se a semanal da Sociedade Nacional de Agricultura.

Do volumoso expediente destacamos: officio do Ministerio Odilon Braga, informando ter tomado em consideração as suggestões da Sociedade em relação ao problema do leite; officio do Centro de Materiaes de Construção, pedindo o apoio da Sociedade para o pedido encaminhado ao Governo sobre os fretes das madeiras, consideravelmente augmentados com as providencias ado-

ptadas para a unificação do transporte de cabotagem. E' resolvido que a Sociedade secunde a solicitação do Centro, tanto mais que, ainda recentemente, foram estudados varios aspectos dessa industria pela Sociedade, no sentido de lhe desenvolver a exportação; telegramma da Sociedade Rural Brasileira solicitando o apoio da Sociedade, junto á Bancada Paulista na Camara, ao projecto a ser votado no dia 17, revogando as disposições da lei do reajustamento economico, sobre a exclusão das dividas por compra das propriedades agricolas. O Sr. Torres Filho considera digna de patrocínio a aspiração da lavoura paulista, dignamente representada pela Sociedade Rural Brasileira e consulta a Casa, respeito, que se manifesta favoravelmente.

E' lida, tambem, uma carta do Sr. Lauro Sodré, em que este antigo consocio, se excusa, por doente, do comparecimento ás ultimas sessões, e na qual diz textualmente: "mas não me deixem extranho aos assumptos, que são tratados nas reuniões da Sociedade, em cuja sede são discutidos todos os problemas, que se referem aos legitimos interesses da laboriosa classe dos nossos agricultores, o que é cuidar dos negocios viciaes da Patria".

O Sr. Torres Filho tem para com o Sr. Lauro Sodré as mais elogiosas referencias, frizaando o interesse com que sempre cercou a acção da Sociedade — e manifestando os seus votos para que, restabelecido, distinga as reuniões da Sociedade com a sua presença.

O Sr. Arruda Camara lê uma comunicação do Dr. Raymundo Fernandes e Silva, relativamente á questão economica do matte, e de accordo que a imprensa noticiou será executado entre o Brasil e a Argentina — os dous productores e consumidores mais interessados na questão.

O Sr. Torres Filho diz que ainda não ha, propriamente, accordo, mas uma promessa de accordo entre os dous paizes, através os entendimentos noticiados, entre o Itamaraty e o Embaixador Carcano.

O Sr. Arruda Camara, contrariando o ponto de vista da Comunicação do Sr. Fernandes e Silva — a qual será publicada opportunamente, entende que o accordo a ser celebrado consulta os nossos interesses, tanto assim que o matte' argentino é de boa qualidade e as suas culturas podem ser desenvolvidas rapidamente. Prevendo o accordo a limitação das plantações, é obvio que o nosso matte continuará a dispor do mercado argentino, caso que dentro de alguns annos não prevaleceria si as plantações continuassem nos terrenos de Misiones. A seu vêr, as medidas adoptadas no accordo, além da restricção do plantio, são muito felizes — e a questão do matte fica omente na dependencia de providencias complementares que augmentem o consumo mundial. Relativamente ao contrabando, do matte cancheado, entende que, dada a extensão e despovoamento das fronteiras, é praticamente irreprimivel, e só acabará quando forem revogadas as nossas leis, que prohibem a exportação da herva naquellas condições. O que ainda nos cumpre estudar — a nós brasileiros — é a verdadeira situação das plantações argentinas, pois ainda não temos uma impressão exacta do que se vem fazendo alli. O Paraguay, que nunca nos mereceu attenção, como produtor de matte — e que pôde ser considerado como o fiel do commercio da herva — é outro ponto de estudo e, assim, acha que a Sociedade deveria suggerir a ida de uma comissão de 2 technicos que, na Argentina e no Paraguay, colhessem impressões novas e verdadeiras a respeito. A ideia é acceita por unanimidade e o Sr. Torres Filho dá as suas impressões a respeito da ultima reunião do Conselho Federal do Commercio Exterior, onde é representante da Sociedade Nacional de Agricultura.

Essa reunião — diz — revestiu-se de excepcional importância para a agricultura nacional, por dous motivos: primeiro, pelas providencias tornando livre o mercado de cambio, excepto para o café, e, segundo, pela noticia alli levada pelo Sr. Armando Vidal, Director do D.N.C., segundo a qual não ha mais café a eliminar. De accordo com os dados fornecidos, teriam sido eliminados 30 milhões de saccos, com o que ficou praticamente estabelecido o equilibrio entre a produção e o consumo.

O Sr. Arruda Camara propõe que a Sociedade, reiterando o seu apoio a tão opportunas deliberações, expresse ao Conselho a sua satisfação em nome da lavoura, o que é approved unanimemente.

O Sr. Sampaio Fernandes justifica a concessão do titulo de socio benemerito ao Sr. Francisco Vieira Goulart, pelos seus serviços relevantes á instituição.

O Sr. Arruda Camara lembra que a Leopoldina Railway tem distinguido a acção da Sociedade com o seu apoio decisivo, atravez de concessão de transportes gratuito para llantas e sementes, de passe livre em todas as suas linhas para os seus representantes, etc., e, por sua vez, submete á Casa uma identica proposta, para demonstração do agradecimento da Sociedade.

Os dous titulos de socio benemerito são concedidos unanimemente.

O Sr. Presidente annuncia a presença dos Srs. Ascendino Monteiro Nunes e Coracy Nunes, que representam o Estado do Pará no serviço de propaganda da castanha. Promettem esses senhores trazer, para a reunião de sabbado, um variado mostuario, dados e informações com que iniciam a propaganda da apreciada amendoa.

O Sr. Arsene Puttemans occupa a attenção dos presentes sobre os factores que influem na apresentação dos grãos de cereaes e leguminos, e de cuja palestra conclue deveremos attentar, antes de mais nada, no melhoramento do aspecto dos grãos; na ausencia absoluta de grãos furados o que implica a escolha de variedades resistentes e sobretudo a imunização dos productos, quantes vezes quantas forem julgadas necessarias, desde o local da produção até o embarque; na ausencia absoluta de grandes impurezas: pedras detricos organicos, que testemunha descuido no beneficiamento; no emprego de sementes seleccionadas, não apenas pela selecção em massa, ou separação dos grãos maiores ou mais pesados, mas sim pela selecção individual genealogica e a cultura "pedigree" associadas aos cuidados necessarios para evitar as consequencias do *vecinismo* ou seja o cruzamento do typo escolhido por outros cultivados na visinhança.

Conclue pelo que nisso, tambem, que a questão da padronização está inteiramente ligada á acção nos nossos serviços technicos de agricultura junto aos productores, assim como á collaboração das companhias de transporte e á classificação e imunização nos pontos de embarque.

O Sr. Arsene Puttemans consulta, em seguida, graphicos que demonstram os resultados globaes obtidos até agora nas numerosas analyses a que tem procedido exhibindo numerosos especimens de grãos por especie e variedades, com as respectivas escalas de defeitos, e pelas quaes já se pode fazer uma classificação judiciousa dos nossos grãos leguminosos e cerealiferos.

O Sr. Torres Filho se congratula com os presentes por ficar assim confirmada a orientação de que a parte technica se impõe na padronização dos nossos productos agricolas.

O Sr. Arruda Camara lembra que ha seis annos justamente perdeu a Sociedade um dos seus mais devotados e prestantes collaboradores — o seu antigo Thezoureiro

e vice-Presidente, Engenheiro Antonio Carlos de Arruda Beltrão, nome carissimo a quantos de ha longos annos trabalham na Casa. Por isso registrando a passagem do seu desapparecimento propõe, a inserção em acta, de um voto de profunda saudade, o que é unanimemente approved.

O Sr. Torres Filho apresenta os Srs. Kropf Soares e Kropf Carvalho, industriaes no Estado do Rio, que vem dizer á Sociedade dos seus esforços e dos resultados já alcançados na industrialização do abacaxi.

Depois de examinar as difficuldades que tiveram, de inicio, de vencer, exhibem o seu producto primorosamente enlatado, ao lado do seu similar de Hawaii, que é vastamente consumido no mercado americano. Tomaram por base os preços ahí vigentes e, de accordo com as firmas importadoras, conseguiram, com pouca differença, ajustar o seu producto ao gosto daquelle exigente mercado. E', entretanto, impossivel apresentar, no sabór e na apparencia, um producto inteiramente igual ao hawaiiiano, em virtude da acidez da fructa daquelle procedencia e da doçura do nosso abacaxi. E' defeito para nós essa acidez, e ao contrario, qualidade para o gosto yankee. Acha o Sr. Kropf Soares que, entretanto, o nosso producto poderia ser lançado naquelle mercado como de 2.<sup>a</sup> qualidade, mais barato, se auxilios fossem assegurados a uma installação industrial que, economicamente, se organisasse no paiz. A abolição, por outro lado, da taxa de 2 cents, que pesa alli sobre o nosso producto, poderia ser objecto de apreciação no proximo accôrto commercial a ser estabelecido com o Brasil. O aperfeiçoamento viria depois, nauralmente.

O Sr. Altino Sodré acha que á industrialização do abacaxi deveria proceder a reacionalização da cultura, com a selecção dos typos, etc.

O Sr. Joaquim Bertino, ao contrario, acha que essa cuidada não prejudica a industrialização, que poderia ser tratada desde logo, com o aproveitamento de um grande excesso na produção, que ha.

O Sr. Torres Filho, que solicita ao Sr. Kropf Soares que substancie num memorial á Sociedade os principaes pontos dessa industria, precisando ao mesmo tempo, quaes os auxilios porventura cabiveis para o seu rapido desenvolvimento. De qualquer forma — diz — deve interessar ao nosso paiz a industrialização do abacaxi, por isso que, para essa fructa, apenas disponha de um mercado — o da Argentina. Ademais, se pouca ou nenhuma acceitação — o que não é o caso — tiver a fructa conservada no mercado americano, podera ser explorado outros centros de consumo, sobretudo na Europa.

Em seguida é dada a palavra ao Sr. Otto Frenzel da Associação dos Exportadores de Leite do Districto Federal, que discorre a proposito do recente augmento do preço do leite no Districto Federal, e injustamente julgado como especulação pelo publico; a questão é que a alta tem como causa a secca excepcional de seis mezes, e que, como se sabe, diminuiu em cerca de 60% a produção leiteira. Assim explica SS o augmento verificado:

"As despesas de beneficiamento do leite e transportes variam, naturalmente, de accordo com a distancia até que a usina está situada do centro consumidor. E' notissima, porém, uma despesa media por litro de leite de cento e cincoenta réis. O preço que as usinas estavam recebendo dos entrepostos, anteriormente á lio reconverificada, era de quatro contos de réis. O preço pago pelas usinas no interior ao productor varia na media entre 200 e 250 réis. Entrefanto, na melhor das hypotheses, a usina teria um lucro de 50 réis. Entrefanto, este lucro é bem hypothetico mesmo, conforme vou expor. Em primeiro lugar, dada a falta de orga-

nização existente em tudo quanto se refere ao leite, sua produção, industrialização e consumo, a usina é obrigada a receber na estação das águas na media do dobro do leite que recebe na estação das seccas. A necessidade de manter o seu contracto com o entreposto nas seccas a obriga a isso, pois, de contrario o produtor pode passar a enviar o seu leite a um concorrente que tambem pode ser um fabricante de manteiga ou queijos e não necessariamente outro usineiro. Ora, os preços actuaes da manteiga, que, alias, são os de já muitos annos, não permitem lucro nesse producto numa base de custo do leite de 200 a 250 réis. Como é sabido necessita-se na media de 20 litros de leite para um kilo de manteiga ou sejam a 200 réis, Rs. 4\$000 de custo são de materia prima. As despesas de fabricação de um kilo de manteiga, seu acondicionamento, etc., enfim, o preço por quanto um kilo fica posto aqui no Rio é de 1\$000 em kilo ou seja um custo total de 5\$000. Ora, ainda nas aguas passadas o preço de venda da manteiga aqui no Rio tem sido de 4\$000 a 4\$500 no maximo no atacado. Póde-se deduzir dahi com facilidade que o pouco lucro que as usinas obtinham no leite nas aguas era absorvido, sinão sobrepujado, pelo prejuizo verificado com a fabricação da manteiga. Póde-se então allegar que as usinas não tendo manteiga a fabricar nas seccas, ganhavam nos meses de secca para o anno todo. Em primeiro logar os mezes de seccas são poucos, não dando pois, para tal compensação. Em seguida e conforme a intensidade da secca, mas principalmente em virtude da já citada falta de organização, provocam fortes lutas de preço as quaes muitas vezes elevam o preço a um custo superior aonde venda, principalmente em virtude das maiores despesas de transporte. Essas maiores despesas resultam do facto de receberem as usinas nas aguas apenas o creme dessas localidades distantes ou promoverem a fabricação da manteiga lá mesmo, enquanto que nas seccas ellas necessitam do leite em especie.

Si a situação exposta que podemos considerar como anormal dos ultimos annos já era bem desagradavel, muito ella peorou com a extraordinaria secca verificada no corrente anno. Nos annos anteriores a queda da produção nas seccas era, como já assignalei, de 30% (o que corresponde a um dobro da produção nas aguas). Entretanto, no corrente anno esta queda foi na media de 60% ou seja o dobro dos annos anteriores. Sómente com essas cifras já é facil comprehender a gravidade da situação que o abastecimento normal de leite possui, na Capital Federal, e ainda está passando. Foram 5 mezes sem a minima chuva! Os campos inteiramente devastados em grandes zonas. O gado dizimado pela mortandade verificada em consequencia da falta de alimentação. As consequencias do estado de penuria em que ficou o gado nem são ainda avaliaveis, pois, qualquer epidemia de aphtose, por exemplo, pode dar estragos irreparaveis. Póde-se, entretanto, que o fazendeiro podia ter tratado da alimentação do seu gado pela entalagem, pelos alimentos concentrados, etc., todos sabemos muito bem que o productor, salvo poucas excepções não está ainda preparado para esta solução, como não está para nenhuma medida zootecnica de eficiencia, como por exemplo, a separação de touros em devido tempo, etc, afim de se conseguir um equilibrio razoavel entre aguas e seccas. O mau preço que os fazendeiros recebem, como já até abaixo do quanto lhe custa de facto o leite, não lhe permite realmente tomar taes medidas. Os poucos mezes de seccas em que recebem um preço meliôr, não compensarão o sacrificio do anno inteiro, além d'elle sómente receber este preço durante alguns mezes para apenas uma pequena parte de sua produção annual, dada justamente a differença entre a produção em seccas e aguas. É realmente impossivel

exigir do fazendeiro cousas para as quaes não lhe são dados os meios.

A situação dos usineiros é identica á dos faendeiros, como já vimos. Nas seccas, entretanto, ella foi extraordinariamente prejudicial, pois mesmo as citadas fontes de reserva esctiveram muito mais reduzidas do que de costume e em parte até exgotadas. A necessidade, porém, de manter o contracto com os entrepostos desencadeou uma terrivel luta de preços, além, de ainda maiores despesas com o leite que foi necessario buscar em distancias quasi incríveis. Certamente o fazendeiro aproveitou algo, mas pouco pelas razões já expostas. Fabricantes de manteigas e queijos, embora em zonas longinquas, entretanto, muito aproveitaram vendendo os leites contractados para as suas fabricas com os seus fornecedores, por bons preços aos usineiros, embora sómente por poucos mezes de seccas. Mesmo com todos estes sacrificios, dada a extraordinaria intensidade das correntes seccas, a ameaça de vir a faltar leite para o consumo do Rio de Janeiro se tornava cada vez mais patente. Aggravou-se esta situação com a impossibilidade financeira em que as usinas se encontravam de continuar a arcar com tamanhos prejuizos".

O Sr. Torres Filho annuncia que, na proxima reunião, será tratado o caso da cellulose e do aproveitamento das materias primas nacionaes, encerrando, em seguida, os trabalhos.

#### SESSÃO DE 23 DE SETEMBRO

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho realizou-se, com grande concurrencia de socios, technicos e Directores, a ultima reunião da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura

O expediente, lido, pelo Sr. Arruda Camara, constou de numerosos officios e telegrammas, dos quaes destaca-se: telegramma do Interventor Magalhães Barata, agradecendo o concurso da Sociedade em prol da propaganda da castanha do Pará; officio do Director da Cruzada Nacional de Educação, appellando para a Sociedade afim de que esta a auxilie na criação de escolas. O Sr. Arthur Torres Filho declara que a Cruzada Nacional tem realizado, com apreciavel tenacidade, uma campanha meritoria a que a Sociedade não póde, por isso mesmo, negar todo o seu apoio. No que lhe compete, e dentro desse mesmo terreno, está cuidando da educação dos lavradores, e brevemente inaugurará, no Horto Fruticola da Penha, a Escola Pratica de Horticultura "Wenceslau Bello"; officio do Secretario da Agricultura de Pernambuco dizendo haver enviado, á Associação dos Coqueiristas, as congratulações da Sociedade pelo intelligente trabalho que está realizando, em prol dessa cultura, o Dr. Luiz Freire; officio da União Agricola Fluminense, enviando nominata da sua Directoria; communicação de Fernando Hackradt & Cia., de São Paulo, a respeito das difficuldades com que luta o commercio de adubos chimicos no Brasil. Dessa communicação, que focalisa com absoluta precisão e imparcialidade a situação do commercio de adubos chimicos no paiz, destacamos os seguintes trechos: — "A nossa firma, pioneira que foi da introdução da adubação chimica no Brasil, conhece de perto, nos 26 annos em que vem empregando a sua actividade nesse ramo de commercio, os multiformes embaraços que as alfandegas têm creado á livre importação dos adubos chimicos, devido, em grande parte, á legislação pouco clara sobre o assumpto.

A sabia lei 4.802, de 9 de Janeiro de 1924, que regulamentava minuciosamente a importação dos adubos chimicos, precisando com clarea os tramites a seguir nos casos de duvida sobre a natureza dos materiaes importados, estabelecendo completa isenção de direitos so-

bre os envoltórios, singelos ou duplos, e outras disposições de alto valor tendentes a facilitar a introdução no paiz dos fertilizantes para a lavoura, libertando os importadores das continuas incertezas quanto ao desembaraço dos adubos nas alfandegas e desonerando os do pagamento habitual, si bem que indevido de armazenagens, pagamento esse provocado pelo retenção de partidas de adubos pelas alfandegas, enquanto esse provocado pela retenção de partidas de adubos pelas alfandegas, enquanto se discutiam textos legais e se interpretavam disposições não raro contradictorias sobre o assumpto em apreço.

Infelizmente o decreto n.º 24.023, de 21 de Março do corrente anno, que regula hoje em dia a concessão de isenção e redução de direitos aduaneiros, em lugar de conservar para os adubos o regimen da lei especial n.º 4.802, incluiu-os nas disposições geraes do referido decreto (art. 12 — inciso 45) estabelecendo uma nomenclatura incompleta dos adubos, que já tem dado margem a toda a sorte de duvidas nas alfandegas, fazendo cair em armazenagem quasi todas as partidas importadas pelo novo regimen.

Estabelece, outrossim, o novo decreto, uma escripturação fiscal para os generos importados com isenção de direitos, absolutamente incompativel com o commercio de fertilizantes.

Uma simples vista aos modelos de escripta fiscal, constantes do decreto citado, demonstrará o absurdo de se querer sujeitar o commercio de fertilizantes para a lavoura, ao mesmo regimen de fiscalisação adoptada para os materiaes destinados a obras, com applicação determinada e preestabelecida e não destinados á revenda.

Só seria viavel ou efficiente para fins de fiscalisação, a adopção da referida escripta fiscal, quanto aos adubos, pela eliminação de todo o commercio intermediario desse artigo, limitando-se o dito commercio a ser feito exclusivamente entre os importadores e os consumidores. — Isso viria impedir ao pequeno lavrador, comprador de diminutas quantidades de adubos e sem ligações e sem credito junto ás firmas atacadistas, o uso dos fertilizantes que hoje adquire na casa commercial mais proxima á sua lavoura, onde se abastece dos artigos que necessita e onde em geral vende tambem os seus productos.

Ou se admite a existencia do commercio intermediario na distribuição dos adubos ao consumo e nesse caso a escripta fiscal é inefficiente além de onerosa e vexatoria ou se pretende eliminar o commercio intermediario de adubos, e rosa e vexatoria ou se pretende eliminar o commercio intermediario de adubos, e nesse caso crease um obstaculo insuperavel á diffusão do emprego dos adubos, especialmente por parte do pequeno agricultor, merecedor de maior amparo por parte dos poderes publicos.

E' imprescindivel para a expansão do emprego dos adubos, especialmente por parte do pequeno lavrador, que estes sejam expostos á venda, francamente, sem quaesquer restricções, em todo o paiz, nas pequenas casas commerciaes do interior, onde possam ser adquiridos pelos agricultores, juntamente com os demais artigos de primeira necessidade.

O restabelecimento da Lei 4.802 será a unica solução para salvar o commercio de adubos, de um verdadeiro colapso, cujos prenuncios já se fazem sentir ante a balburdia que o novo decreto veio estabelecer em torno da importação dos diversos adubos, suscitando duvidas, divergencia de interpretações cobrança de direitos sobre envoltorios e, como primeira consequência a incidencia em armazenagem de quasi todas as novas partidas importadas, devido á demora nos despachos ante as duvidas suscitadas por occasião do desembaraço das mercadorias.

Os importadores de adubos não encontrando a maneira de conciliar as necessidades do commercio de adubos, com as exigencias da escripta fiscal, sentem-se num ambiente de insegurança, receiando incidir em muitas e tanto visto o artigo 8º do decreto em apreço estabelecer a prohibição de cessão, emprestimo ou venda dos artigos importados com os favores do referido decreto e não estarem os adubos expressamente exceptuados dessa prohibição.

Em boa hora essa prestigiosa Sociedade resolveu interessar-se pela maior expansão do emprego dos adubos. — O primeiro passo nesse sentido, si VV. SS. permittem opinar a respeito, deverá se cercar a importação e commercio de fertilizantes, das necessarias garantias que tornem possivel a sua maior expansão.

VV. SS. viriam prestar á lavoura nacional mais um inestimavel serviço, além dos muitos que contam em seu activo, si pugnassem pelo restabelecimento da lei especial 4.802, em má hora revogada pelas disposições do decreto 24.023, libertando assim a importação e commercio de fertilizantes, de quaesquer entraves que viessem cercar a sua necessaria expansão. — Nos luminosos pareceres e justificação de motivos constantes de annuaes do Congresso, quando se discutio e votou a lei 4.802, acham-se expostas com a maior clareza, as ponderosas razões determinantes do referido decreto.

O Sr. Torres Filho declara que a questão dos adubos sempre mereceu a melhor attenção da Sociedade pelo facto de estarem ligados á fertilização das nossas terras. Da adubação na agricultura depende a applicação de principios da agricultura intensiva evitando o que em agronomia se chama agricultura vampira, dando logar a que cada dia, mais encareça o custo da produção pelo afastamento das zonas de cultura e o que é mais, causando uma verdadeira destruição nas matias. A nossa adubação organica é de pouco generalização, a chimica quasi desconhecida e, dahi, o facto de só com sumirmos, ainda, apenas cerca de 3.000 toneladas annualmente. Se houvesse uma pratica mais generalizada de adubar as terras, seria evitado o que está acontecendo com o café que, em busca de terras férteis, já abandonou o Paraná. A caça ao humus é a consequência do nosso descaso pela adubação como pratica normal da agricultura.

O que se ouviu da communicação de Fernando Hückradt, deve impressionar, pois se trata de uma lenda que ha 26 annos se dedica ao ramo dos adubos, humicos e, por ella, chega-se á conclusão que as novas leis, antes de facilitar o emprego dos adubos, o dificultam, sendo de notar que a fiscalização prevista em lei, apenas existe no papel. 1

Em seguida é lido o parecer do Dr. Luiz de Oliveira Mendes a respeito das suggestões do Centro de Materiaes de Construcção, acerca da unificação das medidas usadas no commercio de madeiras, no qual esse tecnico se manifesta favoravel ao ponto de vista daquelle Instituição. Não parece — do SS. existir uma opinião ponderosa que justifique a conservação da velha medida ingleza, de pés e pollegadas, em relação á madeira e ao vidro, em um paiz que ha muito adoptou oficialmente o systema metrico decimal. Como afirmou o Centro de Materiaes e Construcção, pinho do Paraná e outras madeiras de maior procura são justificadamente talvez por uma questão de praxe, vendidas por pés e pollegadas. Em algumas localidades verifica-se uma confusão de medidas assaz interessante, vendendo-se por exemplo, taboas para forros, por duzias e por peçadros; taboas para assoalho por metro quadrado e taboas de pinho do Paraná de comprimento e largura calculados em metros e a espessura em pollegadas. De tal heterogeneidade de medidas só podem advir embaraços para o commercio e as repartições arrecadadoras.

Por isso, o Dr. Luiz Mendes opina, no que é seguido pela Sociedade de Agricultura, que são de todo aceitáveis as apreciações do Centro de Materiaes de Construcção, e tambem as especificações em metros e em pés, reunidas na mesma factura, durante um prazo de tolerancia razoavel, uma vez que se revelam sempre aleatorias as providencias bruscas para desanranjar habitos inveterados.

Em seguida o Sr. Torres Filho passa a ler a sua communicação a respeito do papel das municipalidades no momento economico brasileiro. Explica que o Municipio, como entidade autonoma, cellula da nacionalidade, dá a impressáo, no momento actual, de que apenas politicamente collabora na vida do paiz. E essa collaboraçáo, entretanto, deveria extender-se ao terreno economico, seja creando viveiro de plantas uteis, seja distribuindo machinas, seja aconselhando praxes modernas de agricultura, facilitando mercados, cuidando de escoamento da producção, etc. etc., bem como a formaçáo de sociedades de agricultura que, na sua funcção altamente patriótica, a ajudassem por sua vez nessa campanha. — Cita, como exemplo, os Municipios de Campos, Petropolis, Barra do Pirahy, cujos prefeitos, em tempo, se dedicaram com exito a esse assumpto muito util da actividade das administrações municipaes.

Após interessantes considerações, pensa o Sr. Arthur Torres Filho que as municipalidades poderiam dedicar-se, com muito proveito, á execuçáo dos seguintes alvitres:

a) — evitar a exclusividade das explorações ruraes, com o predominio de uma unica cultura;

b) — zelar pelo plantio e bom trato cultural das plantações;

c) — restringir as areas cultivadas, permittindo-se, desarte, dispensar maiores cuidados ás culturas, com a probabilidade de uma producção maior e mais vantajosa. Desse modo, será evitado o afastamento das vias de communicação e a derrubada incessante das mattas, com prejuizo do clima e do regimen de aguas pluvias nos Municipios;

d) — promover o augmento da criaçáo nas colonias e fazendas, devendo o tratamento fazer-se de modo a permittir a utilizaçáo do estrume. A criaçáo assegurará o abastecimento de leite e sub-productos agricolas; o gado deve ser melhorado para corresponder ao capital empregado ao esforço dispendido. Com a policultura e a criaçáo será assegurada aos agricultores uma situaçáo economica mais estavel;

e) — a sericultura, a avicultura, a apicultura, a floricultura e hortalicultura poderão constituir preciosas fontes subsidiarias de receita, exploradas pelos proprios membros das familias dos agricultores.

f) — a fructicultura, particularmente, não só de fructas tropicaes como europea, tendo em vista o consumo interno e a exportação, é susceptivel de exploraçáo, com exito na maioria dos municipios brasileiros, como já se verifica em muitos Estados. A oliveira, a cascanheira, a abogueira deviam ser ensaiadas, pois proporcionam productos de largo consumo;

g) — terras hoje consideradas imprestaveis poderão com vantagens, ser aproveitadas para a plantaçáo de arvoredos fructiferas e pastagens, a videira e planta preciosa no aproveitamento dos terrenos montanhosos;

h) — ás terras baixas são as aconselháveis para o cultivo de plantas de ciclo vegetativo rapido (arroz, milho, feijão e tuberculos) e, por processos mecanicos, proporcionam colheitas abundantes e rendosas;

i) — quando menor o valor do producto tanto mais perto do mercado precisar ser produzido.

Expostos esses preceitos, que não podem ser desprezados, lembrariamos que a cooperaçáo das municipalidades se fizesse sentir pelas seguintes iniciativas:

a) — promovendo a agremiaçáo de agricultores em associações de classe (sociedades de agricultura, cooperativas, syndicatos);

b) — facilitando o ensino da agricultura nas escolas, vulgarizando noções de technica moderna de cultivar as plantas economicas;

c) — estabelecendo exposições-feiras instituindo premios em dinheiro ou em instrumentos ou machinas agricolas;

d) — encarregando-se da aquisiçáo de machinas agricolas e de productos chimicos applicaveis á agricultura;

e) — cooperando energicamente, para a extincção da formiga saúva, e bem assim, combatendo as doencas e pragas da lavoura;

f) — encarregando-se da aquisiçáo de sementes, plantas, adubos, animaes reproductores, etc. e facilitando o transporte dos productos agricolas;

g) — instituindo um deposito de machinas e instrumentos agricolas para venda, pelo custo, aos agricultores e, bem assim, para servirem nas demonstrações practicas e ensino agricola propinando nas escolas do Municipio;

h) — organizando viveiros de arvoredos fructiferas para distribuçáo entre os agricultores.

O Sr. Cesar Pinto diz que, a respeito desse assumpto, pôde acompanhar de perto os esforços que um brasileiro illustre e dedicado, o Dr. Yedo Fiuza, no Municipio de Petropolis, onde tem sido realizadas utilissimas exposições de pecuaria.

O Sr. Torres Filho secunda as palavras do Sr. Cesar Pinto, e tem para o Sr. Yedo Fiuza, expressões muito lisongeiras relativamente á sua dedicaçáo aos problemas agricolas e economicos do Municipio.

O Sr. Cesar Pinto em seguida, lê um officio, que pede seja archivado na Sociedade, e no qual lhe offerece 10 exemplares do seu trabalho "Prophylaxia das Doencas Infecciosas e Parasitarias dos Animaes Domesticos do Brasil, referindo, a proposito, que a ediçáo de 1.500 exemplares dessa obra — offerecida por SS. ao Governo no intuito de prestar um serviço á medicina veterinaria do Paiz, e aos criadores em geral — apenas poucos exemplares teriam sido distribuidos pelo Ministerio da Agricultura, de vez que continuam a chegar constantes pedidos de agronomos e veterinarios do proprio Ministerio, que desconhecem o referido trabalho.

O Sr. Torres Filho agradece o gesto do consocio Cesar Pinto e mais uma vez louva seu trabalho — que é realmente uma honra para a bibliographia especializada do paiz.

O Sr. Cesar Pinto propõe que, da commissáo encarregada de elaborar o ante-projecto de Codigo de Defesa Sanitaria Animal, faça parte do Dr. Franklin de Almeida, que é desde logo acceito — pois se trata de um consocio dedicado e illustre e que ha pouco tempo teve occasiáo de prestar á Sociedade os melhores serviços, como seu representante nas delegações brasileiras que acordaram com a missáo economica argentina medidas de commercio já do conhecimento publico.

O Sr. Torres Filho declara ter sido procurado pelo commandante Randler de Aquino — um devotado á causa da nossa pesca — que veio convidar a Sociedade para o proximo Congresso Nacional de Pesca, ao mesmo tempo que lhe offereceu um interessante trabalho sobre essa especialidade.

*Continua no proximo numero*

# Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzerem 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscrevei o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

## VANTAGENS

**Recebimento** de A LAVOURA, seu orgam official, gratuitamente, bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

**Fornecimento**, de plantas e sementes, vaccinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, material agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, encarrega-se, gratuitamente, do **Registro das Propriedades Agricolas** no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

**Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum** para os seus socios.

Trata da obtenção de **transporte gratuito** para plantas, sementes, machinas agricolas, animaes de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerios da Agricultura.

**Responde ás consultas** sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

**Elabora projectos e orçamentos** para construcções ruraes e de força hydraulica.

**Incumbe-se da venda** de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, **sem cobrar commissão**, aceitando-os, outrosim, em pagamento das contribuições sociaes.

**Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente**, do pagamento de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do recebimento de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

**Fornece cotações e informes** sobre mercados.

**Serve de intermediaria**, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.



# HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

—♦♦—  
Optimos Exemplares de plantas ornamentaes

—♦♦—  
Laranjeiras — Typo exportação

—♦♦—  
Mangueiras das melhores variedades

—♦♦—  
Remessas a domicilio — Frete Gratuito

—♦♦—  
Abatimento aos socios da S. N. de Agricultura

Solicite informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - Sobrado — Rio de Janeiro

